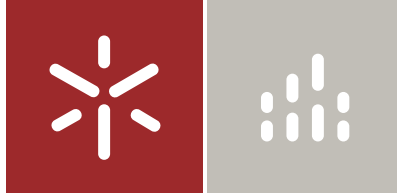


Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Francisco Durval Pinto de Sousa

Regeneração Cultural – Reabilitação do
Teatro Narciso Ferreira, em Riba de Ave



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Francisco Durval Pinto de Sousa

Regeneração Cultural – Reabilitação do
Teatro Narciso Ferreira, em Riba de Ave

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura
Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Elisiário José Vital Miranda

AGRADECIMENTOS

Sendo um trabalho de carácter individual, esta dissertação só foi possível ser realizada de forma mais precisa com a cooperação imprescindível de certas pessoas, a quem tenciono manifestar a minha gratidão.

Prioritariamente, ao meu orientador, o Professor Doutor Elisiário Miranda, pela sua enorme disponibilidade em partilhar o seu conhecimento, experiência, amizade e apoio indispensáveis para o desenvolvimento desta dissertação.

À minha família, pela motivação e ajuda constantes, em especial à minha Mãe, Pai e Irmão, sem eles nada seria possível de se realizar. A toda a minha família por todo o apoio.

À minha namorada pelo apoio perseverante, mesmo nas fases menos boas, e aos meus amigos e colegas de curso que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Não poderia, igualmente, deixar de reconhecer a ajuda de todos os partícipes que contribuíram em disponibilizar informação e documentação essenciais à pesquisa, nomeadamente, ao Dr. Nestor Borges, coordenador do Projeto Riba de Ave Cultural da Fundação Narciso Ferreira, ao Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave, ao Arquivo Municipal Alberto Sampaio e aos funcionários da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.

RESUMO

O presente trabalho de investigação teórico-prático pretende abordar a problemática da intervenção no edifício do Teatro Narciso Ferreira, situado na Avenida Narciso Ferreira, entrada principal da Freguesia de Riba de Ave, no concelho de Vila Nova de Famalicão. Este edifício detém um papel referencial na vila, apesar da sua imagem exterior deteriorada e da completa ruína do interior.

Em todo o país está fortemente presente uma redução populacional nas regiões periféricas dos centros urbanos, o que conduz a uma degradação de edifícios patrimoniais que em tempos assumiam papéis importantes na cultura e economia locais. Torna-se assim necessário difundir a consciência da necessidade de preservação do património edificado, uma política que permita captar mais investimentos para estas regiões, para que a sociedade atual possa usufruir culturalmente e partilhar a história do local com as gerações futuras.

Tendo em conta estes objetivos, foi desenvolvida uma proposta de renovação do edifício e de melhoria do seu programa, tornando-se necessário realizar uma reflexão sobre a região onde se encontra inserido, de forma a compreender a sua origem e história.

De acordo com a natureza do edifício e com o crescimento populacional da região, é proposto um programa no qual é mantido a função do auditório principal, apoiada por um aumento de área dos camarins e da entrada principal. Como programa adicional surge a administração, loja, salas de apoio, café concerto, receção dos artistas, uma segunda sala de espetáculos, e duas zonas de estar exteriores.

A criação do projeto deste teatro assenta na leitura da sua história como principal instrumento de análise e pesquisa. O seu sistema construtivo, suas patologias e materialidade foram igualmente tidas em atenção, de forma a apresentar soluções que melhor se enquadram nas exigências de qualidade da intervenção arquitectónica.

Palavras-Chave: Riba de Ave, Narciso Ferreira, Património, Teatro, Reabilitação.

ABSTRACT

The present theoretical-practical research aims to address the problem of intervention in the building of the Narciso Ferreira Theater, located on Avenida Narciso Ferreira, main entrance of the parish of Riba de Ave, in the municipality of Vila Nova de Famalicão. This building holds a referential role in the village, despite its deteriorated exterior image and the complete ruin of the interior.

Across the country there is a strong population reduction in peripheral regions of urban centers, which leads to a degradation of heritage buildings that once played important roles in local culture and economy. It is therefore necessary to raise awareness of the need to preserve the built heritage, a policy that allows to attract more investment to these regions, so that today's society can enjoy cultural and share the history of the place with future generations.

Taking into account these objectives, a proposal was made to renovate the building and improve its program, making it necessary to reflect on the region where it is located, in order to understand its origin and history.

According to the nature of the building and the population growth of the region, a program is proposed in which the function of the main auditorium is maintained, supported by an increase of the area of the dressing rooms and the main entrance. As an additional program comes the administration, store, support rooms, coffee concert, reception of the artists, a second show room, and two outdoor seating areas.

The creation of this theater project is based on reading its history as the main instrument of analysis and research. Its constructive system, its pathologies and materiality have also been taken into account in order to present solutions that best fit the quality requirements of the architectural intervention.

Keywords: Riba De Ave, Narcisco Ferreira, Patrimony, Theater, Rehabilitation.

ÍNDICE

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Lista de Figuras	v
1. Introdução	17
2. Aproximação ao problema	23
2.1. A História da vila de Riba de Ave	25
2.2. Narciso Ferreira, o impulsionador económico e social	31
2.2.1. A sua intervenção industrial	31
2.2.2. A sua intervenção social	35
2.3. Teatro Narciso Ferreira	39
2.3.1. Relação com a Vila	40
2.3.2. <i>Art Déco</i> como estilo arquitetónico	41
2.3.3. Valor patrimonial	46
3. Diagnóstico	47
3.1. Apresentação do levantamento	50
3.2. Levantamento fotográfico	53
3.2.1. Piso 1	54
3.2.2. Piso 2	55
3.2.3. Cobertura	56
3.3. Patologias	57
4. Proposta	59
4.1. Conceito	62

4.2. Metodologia.....	63
4.3. Programa	63
4.3.1. Piso 1.....	65
4.3.2. Piso 2.....	68
4.3.3. Piso 3.....	70
4.4. Intervenção Construtiva	72
4.5. Mapa de Vãos.....	74
4.5.1. Vão Interior Tipo: Piso 1 e Piso 2.....	75
4.5.2. Vão Interior Tipo: Piso 1	76
4.5.3. Vão Exterior Tipo: Piso 1 e Piso 2.....	78
4.5.4. Vão Exterior Tipo: Piso 2 e Piso 3.....	79
5. Conclusões.....	81
6. Bibliografia	87
7. Anexos	91
7.1. Fotografias do Levantamento	93
7.2. Imagens Renderizadas da Proposta.....	101
7.3. Maquete	111

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 – Ortofotomapa da localização de Riba de Ave em relação às cidades de Famalicão, Santo Tirso e Guimarães. Desenho do Autor – Página 26

Figura 2.2 – Carta militar de Riba de Ave, de 1895. Fonte: Borges, N. R. (2012). *Narciso Ferreira – Um Contemporâneo do seu Tempo*. Riba de Ave: Fundação Narciso Ferreira. – Página 27

Figura 2.3 – Fotografia aérea da Fábrica Sampaio, Ferreira & Cia.Lda. Fotografia do Autor – Página 28

Figura 2.4 – Retrato de Narciso Ferreira. Autor desconhecido. Fonte: <http://cronicadotempo.blogspot.pt/2016/05/ruas-de-esposende-ii-rua-narciso.html> – Página 30

Figura 2.5 – Fotografia da comporta criada por Narciso Ferreira e respetiva fábrica. Fotografia do Autor – Página 33

Figura 2.6 – Fotografia exterior da fábrica. Fotografia do Autor – Página 33

Figura 2.7 – Fotografia do moinho de água. Fotografia do Autor – Página 33

Figura 2.8 – Fotografia aérea das fábricas Sampaio, Ferreira & Cia. Lda e Empresa Oliveira, Ferreira & Cia. Lda. Fonte: Borges, N. R. (2012). *Narciso Ferreira – Um Contemporâneo do seu Tempo*. Riba de Ave: Fundação Narciso Ferreira. Fotografia de capa – Página 34

Figura 2.9 – Fotografia do edifício do Hospital de Riba de Ave. Fotografia do Autor – Página 37

Figura 2.10 – Fotografia antiga do Posto da GNR. Autor desconhecido. Fonte:

<http://www.fnarcisoferreira.org/patrimonio.htm> – Página 37

Figura 2.11 – Fotografia antiga da Escola Narciso Ferreira. Autor desconhecido. Fonte:

<http://www.fnarcisoferreira.org/patrimonio.htm> – Página 37

Figura 2.12 – Fotografia antiga do Mercado. Autor desconhecido. Fonte:

<http://www.fnarcisoferreira.org/patrimonio.htm> – Página 38

Figura 2.13 – Fotografia antiga da Estalagem. Fotografia do Autor – Página 38

Figura 2.14 – Fotografia da Igreja de Riba de Ave. Fotografia do Autor – Página 38

Figura 2.15 – Fotografia antiga do edifício dos Correios de Riba de Ave. Autor desconhecido. Fonte: <http://www.fnarcisoferreira.org/patrimonio.htm> – Página 38

Figura 3.8 – Alçado Poente. Desenho do Autor – Página 52

Figura 3.9 – Planta de localização das vistas do Piso 1. Desenho do Autor – Página 54

Figura 3.10 – Fotografias atuais do Piso 1. Fotografias do Autor – Página 54

Figura 3.11 – Planta de localização das vistas do Piso 2. Desenho do Autor – Página 55

Figura 3.12 – Fotografias atuais do Piso 2. Fotografias do Autor – Página 55

Figura 3.13 – Planta de localização das vistas da cobertura. Desenho do Autor – Página 56

Figura 3.14 – Fotografias atuais da cobertura. Fotografias do Autor – Página 56

Figura 3.15 – Fotografia da estrutura da cobertura. Fotografia do Autor – Página 58

Figura 3.16 – Fotografia da vegetação na cobertura – Página 58

Figura 3.17 – Fotomontagem da degradação das paredes estruturais. Fotomontagem do Autor – Página 58

Figura 4.1 – Renderização do alçado principal. Fotomontagem do Autor – Página 61

Figura 4.2 – Planta do Piso 1. Desenho do Autor – Página 66

Figura 4.3 – Renderização do foyer de entrada. Fotomontagem do Autor – Página 67

Figura 4.4 – Renderização do camarim coletivo. Fotomontagem do Autor – Página 67

Figura 4.5 – Renderização do camarim individual. Fotomontagem do Autor – Página 67

Figura 4.6 – Renderização da sala de espetáculos. Fotomontagem do Autor – Página 67

Figura 4.7 – Renderização do café-concerto. Fotomontagem do Autor – Página 69

Figura 4.8 – Renderização da esplanada do café-concerto. Fotomontagem do Autor – Página 69

Figura 4.9 – Planta do Piso 2. Desenho do Autor – Página 69

Figura 4.10 – Planta do Piso 3. Desenho do Autor – Página 70

Figura 4.11 – Renderização da praça exterior, situada na cobertura do auditório. Fotomontagem do Autor – Página 71

Figura 4.12 – Corte construtivo. Desenho do Autor – Página 73

Figura 4.13 – Vão interior tipo: piso 1 e piso 2 – camarins, gabinetes administrativos e sala de reuniões. Desenho do Autor – Página 75

Figura 4.14 – Vão interior tipo: piso 1 – auditório. Desenho do Autor – Página 77

Figura 4.15 – Vão exterior tipo: piso 1 e piso 2 – camarins, gabinetes administrativos e sala de reuniões. Desenho do Autor – Página 78

Figura 4.16 – Vão exterior tipo: piso 2 e piso 3 – café-concerto e sala de artes performativas. Desenho do Autor – Página 79

1. INTRODUÇÃO

A protecção do património cultural é uma atitude elementar para a preservação dos vestígios materiais da história do Homem. Nas ultimas décadas, a reabilitação do património assumiu um papel cada vez mais importante na arquitetura portuguesa, sendo considerada como suporte para a criação de novos espaços e paisagens apoiados nas memórias do local e, em consequência, como um contributo para a melhoria da comunidade de vida da sociedade.

Só depois da II Guerra Mundial é que o turismo centrado em momentos históricos começou a ganhar relevo na sociedade, permitindo um crescimento económico e da qualidade de vida através de investimentos na recuperação de edifícios que desempenharam papéis importantes na história da sociedade local.

No Ocidente, o interesse no que é deixado pelas gerações passadas é tão antigo quanto a civilização e, nos dias de hoje, esta consciência é um direito e não uma regalia, não uma obrigação mas sim uma mais valia económica e social para a sociedade. Em Portugal também surgiu essa preocupação. Com atraso ou não, a reabilitação urbana e de edifícios históricos faz hoje parte dos princípios intrínsecos da política de governação do nosso país, pois com o passar dos anos, muitos desses lugares estão a ficar obsoletos face às exigências tecnológicas que vivemos atualmente.

“Só é património o que suscita o interesse de alguém, preferencialmente de quem, por alguma forma, esteja inserido na comunidade institucionalmente melhor posicionada para proteger, usufruir e desenvolver.(...) Interessar implica existir, ter um determinado valor para uma comunidade ou um grupo, o que faz do património um ativo presente e que, como tal, não é fixo, nem seguro, requerendo atenção e gestão permanentes, ou seja, estudo, divulgação, planeamento e desenvolvimento.”¹

Isto permite refletir sobre o património como um problema de poder político, mas compreender que também é crucial para o desenvolvimento cultural sustentável do diálogo e entendimento mútuo.

“Ignorar a cultura do outro é aniquilá-la, em suma, destruir a justificação da sua ideia de ser em comunidade, em diálogo com outras.”²

Ou seja, é necessário respeitar a cultura do próximo e reconhecê-la com parte integrante da história da Humanidade, de modo a existir um desenvolvimento mais democrático do conceito de Património. Para além de contribuir para a integração da herança cultural, o

¹ Rossa, W. (2015). *Patrimónios de Influência Portuguesa: Modos de Olhar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Pág. 15.

² Rossa, W. (2015). *Patrimónios de Influência Portuguesa: Modos de Olhar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Pág. 16.

Património assume um papel significativo na diplomacia política da região, o que permite um entendimento mútuo no desenvolvimento sócio-económico da sociedade.

É na sequência da problemática da recuperação do Património que surge o tema para a realização do projeto, que aborda o património arquitetónico de Riba de Ave, freguesia do conselho de Vila Nova de Famalicão. Propõe-se a reabilitação do Teatro Narciso Ferreira, equipamento destinado à população da vila e do concelho circundante. O edifício está situado na avenida Narciso Ferreira, principal entrada de um núcleo urbano que, na segunda metade do século XX, pertenceu ao restrito lote dos principais polos industriais do nosso país.

Tornou-se evidente que o trabalho de investigação deveria englobar todo o processo de aprendizagem ocorrido ao longo dos anos de curso. Um trabalho onde estariam centradas muitas matérias teórico-práticas e um projeto arquitectónico desenvolvido de modo a responder às questões que surgem ao longo da conceção de um projeto de académico.

O projeto tem como princípio a revitalização económica e social de uma freguesia, onde o estudo de soluções arquitectónicas e construtivas permitem recuperar um edifício que em tempos foi uma referência cultural do concelho de Vila Nova de Famalicão. Deste modo, a população poderá voltar a habitar um espaço histórico remodelado, onde as suas memórias serão transmitidas para as gerações futuras. Propõe-se o desenvolvimento de um projecto pensado no pré-existente, utilizando o seu papel histórico na região como ferramenta de uma procura teórica e enriquecimento de conhecimento prático em abordar as diversas questões.

Como objetivo principal, pretende-se alertar para a importância da reabilitação cultural na economia atual do país, em que a preocupação desta pratica não deve, somente, remeter-se a edifícios considerados património, mas sim a todos aqueles que possam ser considerados uma mais valia, após reabilitados.

Para além deste objetivo principal, perseguem-se outros objetivos complementares que são importantes para o seu entendimento, nomeadamente:

- Adquirir conhecimento sobre o processo de reabilitação;
- Reconhecer a importância de uma estratégia de intervenção pensada no passado, no presente e no futuro do pré-existente;
- Evidenciar a importância do método construtivo do edifício e o seu estado de conservação para um diagnóstico mais preciso;
- Perceber quais os métodos e soluções construtivas que mais se adequam à conservação do edifício Teatro Narciso Ferreira;

Este conjunto de objetivos possibilita também evidenciar a importância da capacidade da Arquitetura para criar novas relações sociais. Com isto, contraria a desertificação que cada vez mais se faz sentir, muito por causa dos grandes centros urbanos, e permite criar um núcleo cultural que abrace iniciativas de carácter social e que promova um fortalecimento nas ligações com as regiões circundantes, valorizando a região a nível social e económico.

A metodologia utilizada no presente projeto foi desenvolvida do geral para o particular. Foi realizada uma investigação literária que serviu de suporte para o projeto de reabilitação, de modo a desenvolver soluções arquitetónicas e construtivas para o Teatro Narciso Ferreira, edifício que se encontrava em estado avançado de degradação. Posteriormente, essa investigação alargou-se para fontes bibliográficas, dissertações de mestrado, teses de doutoramento, artigos, notícias e entrevistas a responsáveis de várias instituições.

Numa fase inicial, com base em dicionários e enciclopédias, definiram-se as palavras-chave do projeto, nomeadamente, Riba de Ave, Narciso Ferreira, Património, Teatro, Reabilitação.

Sendo o Teatro Narciso Ferreira o objeto de estudo, numa segunda fase procedeu-se à recolha de informação gráfica e fotográfica, sobre a sua construção e o seu percurso de vida até à atualidade, as suas atuais patologias, a fim de perceber o impacto social e cultural que teve na região do Vale do Ave em particular na vila de Riba de Ave.

Posteriormente, através da análise da evolução urbana de Riba de Ave e da descrição do estado atual do objeto de estudo, foi dado início à conceção do projeto de reabilitação de modo a alcançar os objetivos fixados e, fundamentalmente, procurar dar resposta às necessidades do edifício.

O projeto divide-se em cinco partes complementares, tendo-se procurando estruturar os conteúdos de forma a simplificar a sua leitura e compreensão.

Na “Introdução” inicial é explicado o tema, assim como os objetivos, a metodologia e a estruturação do trabalho.

A segunda parte, “Aproximação ao Problema”, tem como principais pontos a contextualização urbana, histórica e arquitetónica. Ao longo desta fase realizar-se-á um estudo da freguesia de Riba de Ave, e será referenciado o papel de Narciso Ferreira como principal responsável pelo seu desenvolvimento urbano, económico, social e cultural. Faz-se também uma análise dos principais equipamentos da vila e, conseqüentemente, o edifício que será o objeto de

estudo deste projeto. Neste ponto é analisada historicamente a sua época construtiva, o seu estilo arquitectónico e o papel social e cultural que o edifício teve na freguesia.

Na terceira parte, o “Diagnóstico”, é apresentado através do seu levantamento, do seu registo fotográfico e do das suas patologias construtivas mais relevantes.

A quarta parte, a “Proposta”, complementa a anterior. Aqui é apresentada a memória descritiva da proposta final, sendo justificado o seu conceito, metodologia e programa proposto.

Como quinta e última parte, são expostas as conclusões do projeto, onde, através de uma análise crítica, reflete-se sobre todo o trabalho realizado, assim como, sobre as perspetivas do futuro da reabilitação na Arquitetura.

Na organização da comunicação gráfica do projeto, foram adotadas as diferentes escalas e meios de representação, que melhor se adaptam a cada tópico específico.

Nos capítulos “Aproximação ao Problema” e “Diagnóstico”, os principais meios de comunicação utilizados, consistiram em fotografias e desenhos do autor, assim como em imagens retiradas de referências bibliográficas devidamente identificadas.

Na segunda metade da quarta capítulo, “Proposta”, mais precisamente na apresentação da proposta final, os meios de comunicação restringiram-se aos desenhos rigorosos do autor hierarquizados por escala. Isto porque a análise de cada tópico requer uma escala específica, onde a escolha de diferentes escalas se justificou pela ideia fortemente presente no projeto - uma perceção clara dos diversos pontos da proposta de reabilitação. Assim:

- A escala 1:100 é reservada para espaços e programa, nas plantas, cortes e alçados;
- A escala 1:10 está destinada para o corte construtivo, uma vez que necessita de uma representação mais aproximada da relação construtiva entre a proposta e o pré-existente;
- As escalas 1:20 e 1:2 são destinadas aos vãos do edifício, visto que requerem uma pormenorização mais precisa no que toca aos princípios de intervenção.

Como meios de apoio para demonstrar o resultado da proposta final, recorreu-se a capacidades adquiridas ao longo do curso, nomeadamente à modelação tridimensional. A renderização permitiu uma perceção mais próxima da realidade, permitindo comparar o edifício pré-existente com a reabilitação proposta e compreender melhor a volumetria e os espaços do edifício.

2. APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA

2.1. A História da vila de Riba de Ave

Na primeira metade do século XIX, o percurso do Vale do Ave com o Douro Litoral era feito por estradas estreitas e muito irregulares. No entanto, sendo uma época onde o crescimento industrial era visível em Portugal, o Estado fez questão de assegurar infra-estruturas de transporte para segurar o desenvolvimento agrícola e industrial de todas as regiões do país. Costa Cabral, na altura Presidente do Concelho de Ministros, decide criar uma rede de estradas que ligasse os principais centros de comércio do Norte, como Viana do Castelo, Porto, Braga e Guimarães. Destas ligações, interessa-nos a que liga Porto a Braga e que passa por Vila Nova de Famalicão.

Sendo habitual na região do Vale do Ave, a ligação Porto/Braga era igualmente realizada por estradas que acompanhavam o percurso das linhas de água. Este princípio deve-se, principalmente, à localização das unidades de produção agrícola, uma vez que necessitavam dos rios para a irrigação dos campos agrícolas. Com esta rede implantada, fortalece-se a ideia de criar fortes centros industriais em zonas remotas com grande potencial agrícola.

No entanto, devido a atrasos na conclusão destas ligações, só na década de 40, esta política começou a dar frutos, ao registar-se um movimento populacional para estas vilas agrícolas, provenientes dos centros urbanos como Porto e Braga. Estas pessoas vinham com um propósito comum, adquirir terrenos agrícolas para construir as suas habitações e, consequentemente, abrir o seu negócio.

Com a chegada do comboio, o Vale do Ave começou a evoluir exponencialmente, através da construção das linhas férreas que permitiram melhores condições de acesso a esta região, o que facilitou o desenvolvimento demográfico e económico. Na segunda metade do século XIX, com a ligação entre Porto e Braga e com a circulação de produtos e serviços que beneficiaram os setores secundário e terciário, prolonga-se a ligação para outro concelho, o de Vila Nova de Famalicão. Dá-se então início a uma evolução que marcou o concelho.

A vontade de dar resposta às necessidades sociais e económicas e, simultaneamente, fazer parte do desenvolvimento industrial dos centros industriais mais próximos (Guimarães e Santo Tirso), permite que o concelho de Vila Nova de Famalicão garanta o seu papel como um dos centros económicos e industriais mais importantes do Vale do Ave. Como resultado desta centralização urbana, tornou-se cada vez mais visível um desequilíbrio demográfico em relação às zonas periféricas.

Ao percorrer o triângulo industrial que liga Guimarães, Santo Tirso e Vila Nova de Famalicão, percebe-se que se trata de uma paisagem composta por pequenas concentrações agrícolas, também ligadas pelas estradas que acompanham o rio.

Nesta perimetria, a 17 quilómetros de Vila Nova de Famalicão e a 14 Guimarães, surge uma pequena urbanização, de seu nome Riba de Ave.



Figura 2.1 — Ortofotomapa da localização de Riba de Ave em relação às cidades de Famalicão, Santo Tirso e Guimarães

Segundo os escassos arquivos da Junta de Freguesia de Riba de Ave, o registo da primeira referência como freguesia, encontra-se nas Inquirições de 1220, com o nome de “Sancto Petro de Inter Ambas as Aves”, e a segunda referência, direccionada à sua igreja, nas Inquirições de 1258, com o nome de “Eclesi Sancti Petri Ripe Ave”.

Nesta época, durante a Idade Média, a vila pertencia às Terras de Vermoim e mais tarde, em 1410, a região passou para a posse do 8º Conde de Barcelos, filho bastardo do Rei D. João I. No ano de 1550, devido a uma disputa de terras entre a igreja local e a igreja de Serzedelo e Guardizela, surge uma segunda referência à freguesia, onde, ao contrário das freguesias circundantes, Riba de Ave não sofre quaisquer alterações na sua área original.

Como narra a história, o nome Riba de Ave surge do português antigo, onde “Riba” surge de uma derivação em latim da palavra “Ripa”, que significa “Margem”. De origem celta, o segundo vocábulo “Ave” está relacionado com a designação “curso de água”. Aldeia remota, era assim caracterizada pelos seus campos agrícolas que nasciam das margem do lado direito do Rio Ave em direção à encosta que o abraça. Durante muitas décadas até evoluir para Riba de Ave, seria uma aldeia medieval de seu nome “Ripa Ave”.



Figura 2.2 – Carta militar de Riba de Ave, de 1895

“Narciso Ferreira fez de Riba de Ave um importante pólo industrial com a Sampaio, Ferreira & Cia. Lda (...). Sonhou Riba de Ave como cidade (...)”³

Habitções rurais e com terrenos agrícolas dispersos pela encosta do Rio Ave, manteve-se assim até finais do século XIX, quando, em 1896, Narciso Ferreira, em parceria com Vasco Ortigão Sampaio, decidem fundar a Fábrica Sampaio, Ferreira & Cia.Lda.

Localizada nas margens do Rio Ave e construída numa época marcada por períodos de intensa instabilidade política, económica e social, a fábrica viria a propulsionar um aumento exponencial da população da região, tornando, mais tarde, Riba de Ave como uma das freguesias mais importantes e com maior potencial económico do nosso país.



Figura 2.3 – Fotografia aérea da Fábrica Sampaio, Ferreira & Cia.Lda

³ Borges, N. R. (2012). *Narciso Ferreira – Um Contemporâneo do seu Tempo*. Riba de Ave: Fundação Narciso Ferreira. Pág. 55.

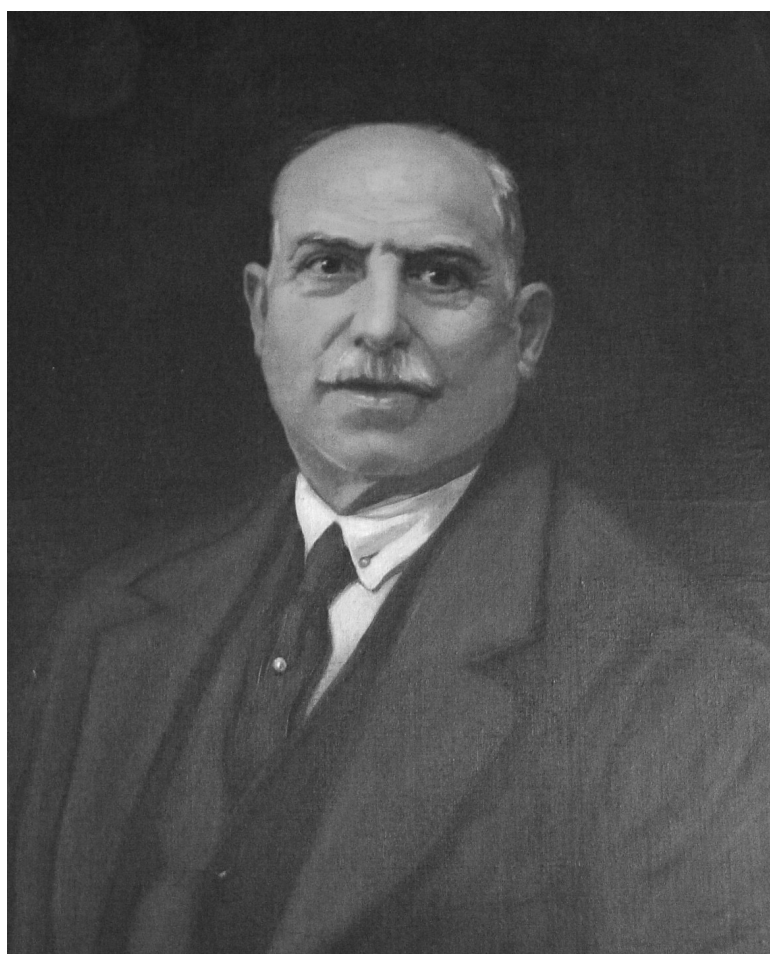


Figura 2.4 – Retrato de Narciso Ferreira

2.2. Narciso Ferreira, o impulsionador económico e social

Narciso Ferreira nasceu em 7 de Julho de 1862 em Pedome, freguesia vizinha do concelho de Vila Nova de Famalicão. Filho de um feitor-arrendatário, António Ferreira, natural de Pedome, e de uma camponesa, Maria Dias de Sampaio, natural de Riba de Ave, Narciso Ferreira passou todo a sua infância no campo, o que lhe possibilitava acompanhar de perto o trabalho do pai, que explorava um moinho de cereais na margem do Rio Ave, e da mãe, que nas pausas do seu trabalho como agricultora, tecia tapetes e mantas no seu tear manual para vender nas redondezas da vila.

Apesar da sua teimosia em frequentar a escola, sempre mostrou interesse na matéria escolar e, segundo a sua mãe Maria, desde muito novo que manifestava uma tendência para o trabalho caseiro, observando atentamente os mecanismos hidráulicos dos moinhos do longo das margens do Rio Ave.

2.2.1. A sua intervenção industrial

Ao perceber o crescimento do negócio de tecidos de algodão, na altura com 12 anos de idade e com o consentimento da mãe, decide iniciar a sua carreira profissional como tecelão na oficina artesanal de um modesto fabricante da região. Nesta altura, Narciso Ferreira já idealizava novos negócios, para além dos pequenos teares manuais nas margens de um rio.

Aos 14 anos aproveita o tear da mãe para se lançar como vendedor ambulante e em 1879, Narciso Ferreira decide comprar o segundo tear à sua mãe e instala-o na sua casa, em Pedome. Durante dois anos, vê a sua oficina produzir tão intensamente que viu-se obrigado a expandir-se para feiras no Vale do Tâmega e Sousa.

No entanto, só no ano de 1881 é que Narciso decide dar um novo rumo à sua vida. Uma vez que, em 1879, oficializa o namoro com a que viria a ser a sua futura esposa, Eva Rosa, moradora de Riba de Ave, as suas visitas à vila da companheira tornam-se cada vez mais frequentes, o que lhe permitiu compreender o potencial económico que a vila possuía.

Narciso Ferreira inicia, em 1881, o processo de transferência dos seus teares que possuía em Pedome para Riba de Ave, para uma pequena oficina alugada na margem esquerda do Rio Ave, lugar chamado de Casa Nova.

Vira-se assim, para Riba de Ave e faz com que a vila mais tarde se torne naquilo que, anteriormente, idealizou para Pedome. Nesta fase da sua vida, Narciso Ferreira já se tinha fixado por completo em Riba de Ave e com a aquisição de mais dois teares na sua oficina em Casa Nova, decide novamente expandir os seus horizontes a nível comercial.

A cidade do Porto era vista como o maior centro económico e industrial do Norte e para Narciso Ferreira, era o local ideal para expor os seus produtos. Alcançada esta oportunidade que há tanto tempo esperava, decide, em 1885, focar-se exclusivamente na cidade do Porto, sendo o comércio dos tecidos, fabricados na sua oficina em Riba de Ave, a sua principal atividade.

Após 4 anos de constante crescimento da procura pelos seus produtos de altíssima qualidade, Narciso Ferreira sente-se obrigado a expandir o seu negocio para dar resposta a esta procura. Para tal, decide, em 1889, construir a primeira oficina mecanizada na margem do Rio Ave, em Riba de Ave, e com utilização de um moinho de água, utiliza a corrente do rio para gerar energia às suas máquinas.



Figura 2.5 — Fotografia da comporta criada por Narciso Ferreira e respetiva fábrica



Figura 2.6 — Fotografia exterior da fábrica



Figura 2.7 — Fotografia do moinho de água

Era constante a ambição de Narciso em querer sempre mais e nem mesmo a grave crise económica que viria a afetar Portugal, no ano de 1891, o fez abrandar.

Sem se deixar afetar, em 1894, cria sociedade com Manuel Joaquim de Oliveira, José Augusto Dias, José Fernandes Machado e Vasco Ortigão, para, em 1896, finalmente legalizar a sua fábrica com o nome de Firma Sampaio, Ferreira & Cia. Lda.

O negócio prospera e, um ano depois, abandona em definitivo a atividade de comerciante nas feiras da cidade do Porto.

Segue o ano de 1909, e com eleições e reeleições para Vereador da Câmara de Vila Nova de Famalicão e experiências ao longo do seu percurso profissional na produção de energia hidroelétrica, decide fundar outra grande fábrica em Riba de Ave. Em frente à Sampaio, Ferreira & Cia. Lda, ergue-se, então, a Empresa Oliveira, Ferreira & Cia. Lda e, no mesmo ano, a Central Hidroelétrica do “Amieiro Galego”, a poucos quilómetros de distância, em Bairro.

Ao longo dos anos, e de modo a dar resposta às exigências a nível de produtividade, as fabricas foram sofrendo várias ampliações.



Figura 2.8 — Fotografia aérea das fábricas Sampaio, Ferreira & Cia. Lda e Empresa Oliveira, Ferreira & Cia. Lda

Por intermédio dos seus filhos (Delfim, Alfredo Joaquim e Raul), frutos do matrimónio com Eva Rosa, o património vai crescendo ano após ano, pois também decidem fundar uma série de fábricas têxteis em diversas regiões do norte do país.

2.2.2. A sua intervenção social

Nesta altura, já com conduções criadas para expansões futuras do seu património industrial, e uma vida familiar e económica estabilizada, foca-se para a realização de obras em Riba de Ave, de carácter social e cultural.

Narciso Ferreira decide repartir parte dos seus lucros em prol do desenvolvimento da vila, e traça um novo objetivo, tornar Riba de Ave cidade. É nesta altura que se torna conhecido o seu verdadeiro carácter e o elevado sentido de solidariedade, permitindo-lhe arrecadar uma fama célebre no país inteiro. Riba de Ave estava prestes a iniciar o seu caminho rumo a alcançar um reconhecimento industrial a nível nacional.

Inicialmente, Narciso Ferreira começa por focar-se nos seus operários, instalando um quartel de bombeiros de apoio à fábrica Sampaio, Ferreira, que mais tarde viria a mudadas as suas instalações para a avenida Narciso Ferreira, perto da Ponte de Riba de Ave. Mais tarde acabaria por construir nas suas fábricas, cantinas e creches para permitir um maior acompanhamento dos operários nas infâncias dos seus filhos.

Já com a atenção concentrada no desenvolvimento social da vila, em 1911 e 1912, cria os primeiros equipamentos para a população, nomeadamente, um posto da GNR e novas ruas, melhorando os acessos à vila. Com condições criadas para uma melhor circulação, instala fontenários para fornecimento de água pública à população. Anos mais tarde, em 1917, abre oficialmente as Escolas de Riba de Ave, na Avenida das Tílias, rua que viria a tornar-se na segunda avenida mais importante de Riba de Ave. Cinco anos depois, em 1922, as suas indústrias estavam a começar a atingir valores de produção altíssimos, traçando novos requisitos para as suas fábricas. É então que decide construir bairros operários em Riba de Ave e, assim, aumentar significativamente o número de trabalhadores nas duas principais fábricas da vila. Neste momento, já se começa a sentir em Riba de Ave, um forte desenvolvimento económico, mas também social, com a sua população a começar a aumentar e, assim, a tornar-se na vila mais importante do concelho de Vila Nova de Famalicão.

Nos anos seguintes, são vários os projetos que Narciso Ferreira viria a idealizar, alguns deles sem sucesso no futuro. Entre eles, é de salientar os mais ambiciosos, nomeadamente, a idealização da irrigação de todo o Alentejo, a criação da passagem e de uma paragem da linha do caminho-de-ferro em Riba de Ave e, a mais relevante, a criação do concelho de Riba de Ave.

Estamos no ano de 1927, quando se realiza a mais importante obra social de Narciso Ferreira. Com as obras a decorrerem desde os últimos três anos, Narciso Ferreira inaugura o Hospital e a Santa Casa da Misericórdia de Riba de Ave. Na altura, possuir um equipamento tão importante como um hospital, só estava ao alcance das grandes cidades portuguesas, mas com o elevado número populacional que Riba de Ave já possuía, Narciso Ferreira achou que era o momento certo para investir em tal infraestrutura. Atualmente, com o nome de Hospital Narciso Ferreira e com as suas instalações melhoradas, ainda se encontra em pleno funcionamento, estando mesmo reconhecido como um dos principais hospitais do norte do Portugal.

Mais tarde, reforça o seu importante papel social na região, ajudando a construir vários equipamentos noutras regiões, nomeadamente, creches, escolas, iluminação pública, fontenários, bairros operários e cantinas sociais. Todas estas intervenções industriais e sociais, permite-lhe ser reconhecido a nível nacional, quando, em 1929, é condecorado com a Grã-Cruz da Ordem Civil de Mérito Agrícola e Industrial e com a Grã-Cruz da Ordem de Benemerência. Três anos mais tarde, recebe uma nova distinção, agora como Sócio Benemérito da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vila Nova de Famalicão.

Um mês e meio depois de ter sido eleito Presidente da Associação Comercial e Industrial de Famalicão e a dezanove dias do início da Ditadura em Portugal, Narciso Ferreira morre, pelas 13h00 do dia 23 de Março de 1933, aos 71 anos de idade, no Hospital de Riba de Ave.

*“Narciso Ferreira não foi somente o industrial clarividente e arrojado (...). Foi também o homem que deixou vincada a sua passagem em vários períodos da história (...). Toda a indústria mecânica de fição e tecelagem da região ficou em dívida para com Narciso Ferreira.”*⁴

⁴ Borges, N. R. (2012). *Narciso Ferreira – Um Contemporâneo do seu Tempo*. Riba de Ave: Fundação Narciso Ferreira. Pág. 179.



Figura 2.9 — Fotografia do edifício do Hospital de Riba de Ave



Figura 2.10 — Fotografia antiga do Posto da GNR



Figura 2.11 — Fotografia antiga da Escola Narciso Ferreira



Figura 2.12 – Fotografia antiga do Mercado



Figura 2.13 – Fotografia antiga da Estalagem



Figura 2.14 – Fotografia da Igreja de Riba de Ave



Figura 2.15 – Fotografia antiga do edifício dos Correios de Riba de Ave



Figura 2.16 – Fotografia antiga do Teatro Narciso Ferreira

2.3. Teatro Narciso Ferreira

Narciso Ferreira torna-se, assim, a figura mais importante da história de Riba de Ave e a população fez questão de deixar isso claro.

Para tal, começam a surgir cerimónias de homenagem a Narciso Ferreira, nomeadamente, em 1934, com a construção de um monumento na entrada da Fábrica Sampaio, Ferreira & Cia.Lda, empresa que impulsionou todo o crescimento de Riba de Ave.

Como foi anteriormente referido, os herdeiros de Narciso Ferreira sempre mantiveram um papel ativo no património industrial da família Ferreira. Por isso, nem a sua morte impediu que os seus filhos dessam continuidade ao seu legado e aos seus projetos idealizados para a vila de Riba de Ave, quando em 1945, criam a Fundação Narciso Ferreira. A sua criação tinha como objetivo dar continuidade às obras sociais e culturais iniciadas por Narciso Ferreira, de modo a promover a vila de Riba de Ave, melhorando a qualidade de vida dos seus habitantes com a construção de novos equipamentos e serviços mais avançados. Com isto, seria transportada para os seus herdeiros, a vontade de fazer Riba de Ave cidade.

A criação desta fundação, resultou na construção de outros equipamentos de carácter social e cultural Riba de Ave, nomeadamente, a construção de uma igreja, situada na entrada norte da vila, escola-cantina, asilo, cozinha económica, posto de correios, teatro, mercado e uma estalagem.

Destes equipamentos, evidencia-se um, o teatro, com o nome de Teatro Narciso Ferreira. Projetado pelo arquiteto português Amoroso Lopes e construído na década de 40 do século XX, o Teatro esteve em atividade até ao final do mesmo século, sendo um utensílio relevante no desenvolvimento cultural de Riba de Ave, uma vez que era visto, na época, como o centro das atividades socioculturais do Vale do Ave.

Devido ao seu papel marcante na história da população local e ao seu atual estado de degradação, o Teatro Narciso Ferreira foi escolhido como objeto de estudo do presente trabalho teórico-prático, onde será apresentada uma proposta para a sua reabilitação.

2.3.1. Relação com a Vila

Um dos principais motivos da escolha deste objeto de estudo, foi a sua localização em relação à malha urbana da vila de Riba de Ave.

Projeto realizado pelo arquiteto Amoroso Lopes, o Teatro Narciso Ferreira, é um edifício que está situado na principal avenida da vila, a Avenida Narciso Ferreira, na qual se encontra a principal entrada da Riba de Ave. Com o seu estilo arquitetónico Art Déco, o Teatro evidencia-se pela sua imponência em relação aos edifícios vizinhos, o que permite perceber desde logo o papel importante que outrora teve na população local.

Foi, precisamente, nesta mesma avenida que nasceram os primeiros equipamentos industriais e sociais de Riba de Ave, entre eles o Mercado, também da autoria de Amoroso Lopes.

Nos dias de hoje, à exceção do Teatro, do antigo quartel dos bombeiros e a das fabricas, os restantes equipamentos ainda se encontram em funcionamento, o que permite à avenida manter um pouco do dinamismo que tinha antigamente.

Compreende-se assim, a importância histórica, económica e social que a Avenida Narciso Ferreira representa para a população local.



2.3.2. *Art Déco* como estilo arquitetónico

Para compreendermos melhor o estilo arquitetónico do Teatro Narciso Ferreira, é necessário recuar no tempo.

Art Déco, é um termo francês que nasce da expressão *arts décoratifs*. Representa um movimento artístico internacional que na decoração, na arquitetura, no design, na moda, nas artes plásticas e gráficas, e no cinema. Foi um estilo que teve grande sucesso desde 1925 até meados da década de 50.

Inicialmente, o estilo era conhecido por “Style Moderne”, ou “Paris 1925”, depois de ser visto pela primeira vez em projetos de decoração de interiores, esculturas, cerâmica e joalharia, expostos na Exposição de Artes Decorativas e Industriais Modernas, realizada em Paris, no ano de 1925. Mais tarde, só na década de 60 é seu nome foi alterado para *Art Déco*.

As origens do estilo surgiram ainda durante o período da *Art Nouveau*, movimento desenvolvido internacionalmente entre a década de 1880 e a Primeira Guerra Mundial. Este era um estilo que tinha como o princípio criar uma nova arte que recorresse às novas técnicas da construção para relacionar elementos decorativos característicos da época e com isto, dar resposta ao rápido desenvolvimento económico da sociedade. Elementos como a linha ondulante e figurativa, a imagem abstrata, a circulação, a luz e a climatização, passaram a ser fundamentais na conceção de o projeto.

Esteticamente, as diferenças entre os dois movimentos tornam-se significativas.

Enquanto que a *Art Nouveau* se fundamenta em elementos florais como ornamentação dos edifícios, a *Art Déco* surge como uma resposta a essa pormenorização excessiva, alterando as formas vegetais por linhas mais retilíneas, com a geometria a ser o novo elemento de referência. Torna-se assim, num movimento mais simples, limpo e organizado.

No entanto, se revermos a evolução da *Art Déco*, conseguimos perceber uma certa incoerência com estes princípios inicialmente delineados. Enquanto que nesta primeira corrente, eram considerados essenciais o racionalismo e a ausência da decoração excessiva, a segunda corrente tardia da *Art Déco* começou a fazer uso das figuras femininas, da geometria e da decoração dissipadora. Recorria-se às cores vivas e aos materiais preciosos, como as madeiras raras, o vidro e o cristal, o mármore, o bronze, o marfim, entre outros, para tornar os acabamentos dos edifícios mais expressivos.

Mesmo havendo esta contradição, a *Art Déco* sempre teve influências na arquitetura industrial, pois eram utilizadas as inovações tecnológicas e o uso de materiais como o vidro, o aço e o betão.

Tendo em conta o que se passava no estrangeiro, é igualmente necessário perceber a sua transição para a realidade da arquitetura portuguesa, na época.

Segundo Nuno Portas, em *História da Arquitetura Moderna*⁵, de Bruno Zevi, o período desde a segunda metade do século XIX até ao início da Primeira Guerra Mundial, é descrito pelo arquiteto como um período muito negro para a arquitetura portuguesa. Com os salários baixos, os altos impostos e a fome, o investimento era feito, quase unicamente pela classe alta, vivendo-se numa época em que se praticava uma forte contenção de orçamentos na atividade construtiva, limitada pelo atraso tecnológico e sociocultural do país.

No entanto, no início do século XX, para dar respostas a estas limitações criadas pela classe alta, começaram a surgir no Porto e em Lisboa os primeiros sinais da *Art Nouveau*. Esta veio-se focar nas técnicas construtivas atuais e na ornamentação, para oferecer uma nova expressão aos edifícios, com a planta livre e a linguagem plástica orgânica e funcional a serem os principais pontos de referencia. Assim como no estrangeiro, a *Art Nouveau* em Portugal também recorreu à decoração como princípio estético, com a pormenorização dos ornamentos a estar fortemente presente nos vãos, nas escadas e até mesmo em fachadas.

Durante estes anos, emerge então a *Art Déco* como outro movimento plástico, com a geometria e a utilização do betão armado a estarem aliados aos seus princípios construtivos, o que permitiu alterar a maneira como a decoração simplista é usada para expressar a volumetria e as estruturas dos edifícios.

As décadas 20 e 30 tornam-se o momento mais relevante da *Art Déco* em Portugal e na arquitetura, a sua aplicação é feita em, praticamente, todos os tipos de equipamentos, desde a habitação social e prédios, a cinemas fábricas e teatros. Com isto, chega a Portugal um estilo arquitetónico que procura planificar as superfícies dos edifícios, através do uso de formas geométricas, do vidro e do estuque para criar diferenciações de relevos. Os edifícios tornam-se mais limpos e a verticalidade faz-se sentir nas suas fachadas.

Este movimento viria a marcar algumas obras importantes do nosso país, tanto em Lisboa como no Porto. e entre elas, destacam-se algumas que melhor se aproximam à linguagem construtiva do Teatro Narciso Ferreira. Em Lisboa podemos considerar duas obras de

⁵ Zevi, B. (1978). *História da Arquitectura Moderna*. Volume 2. Lisboa: Arcádia. Pági. 687 a 744.

célebres arquitetos portugueses, o Cineteatro Capitólio, projetado por Cristiano da Silva, de 1929 a 1931, e o Teatro Éden, inaugurado em 1937, sendo inicialmente projetado por Cassiano Branco e terminado, posteriormente, por Carlos Dias.

Na cidade nortenha do Porto, Cassiano Branco projeta também o Coliseu do Porto, inaugurado em 1941, na Rua de Passos Manuel. Na mesma cidade, encontramos também a Casa de Serralves, projetada em 1931, por José Marques da Silva, e situada na Rua de Serralves.

Podemos considerar estas obras referências para a construção do Teatro Narciso Ferreira, pois não só foram construídas antes do Teatro como apresentam características similares, nomeadamente a limpeza de materiais nas fachadas, a presença clara da geometria e a verticalidade do volume que sinaliza a entrada do edifício.

Estas quatro obras foram referenciadas como exemplos gerais e claros do estilo arquitetónico *Art Déco* em Portugal, no entanto, há uma particularidade que se torna importante referenciar. Apesar do último exemplo, Casa de Serralves, ser o único dos quatro que não é um edifício cultural, como o Teatro Narciso Ferreira, este possui uma ligação muito particular com o objeto de estudo.



Figura 2.18 — Fotografia do Teatro Capitólio



Figura 2.19 — Fotografia do Teatro Éden



Figura 2.20 — Fotografia do Coliseu do Porto



Figura 2.21 — Fotografia da Casa de Serralves

Casa de Serralves foi originalmente projetada por José Marques da Silva, para ser a residência privada do segundo Conde de Vizela, Carlos Cabral, com o terreno a pertencer ao património da família.

Com o contributo de vários nomes internacionais importantes do mundo do design de mobiliário como René Lalique e Ruhlmann, a Casa tornou-se uma referência no mundo da arquitetura, não só pela sua riqueza de traços inconfundíveis de Art Déco mas também pela alta qualidade dos materiais, que apresentavam um elevado nível de detalhe na sua pormenorização.

A sua ligação com Riba de Ave surge quando, passados apenas sete anos de se ter mudado com a sua mulher, Carlos Alberto vende a propriedade a Delfim Ferreira, herdeiro de Narciso Ferreira, com a condição de que para o futuro, seria mantida a sua imagem original, sem qualquer tipo de intervenção. A promessa foi cumprida e ainda hoje, depois de ter sido adquirida pelo Estado Português à família Ferreira, continua preservada a sua imagem original. Este momento particular da história portuguesa em que Riba de Ave se fazia ouvir pelas grandes cidades do nosso país, permite-nos perceber o forte interesse que os herdeiros de Narciso Ferreira tinham na arquitetura *Art Déco* da época.

É neste sentido que, Delfim Ferreira, decide trazer a arquitetura atual para a vila de Riba de Ave. Para tal, recorre a uma nova geração de arquitetos portugueses da época, nomeadamente o arquiteto Amoroso Lopes.

Recém-chegado de Paris, onde o movimento Art Déco se tornara conhecido, Amoroso Lopes e os restantes arquitetos da sua geração, trouxeram consigo modernidade para as ruas da cidade do Porto, com projetos desde equipamentos públicos, edifícios habitacionais a pequenos estabelecimentos comerciais.

Com um historial considerável de projetos feitos, essencialmente, de residências familiares, conseguimos destacar dois que melhor se enquadram no Teatro Narciso Ferreira. Situados na cidade do Porto e ambos projetados em colaboração com o arquiteto Manuel Marques, Amoroso Lopes projeta em 1932, a Farmácia Vitália, situada na Praça da Liberdade, da cidade do Porto, e os Armazéns Cunha, em 1933, na Praça Gomes Teixeira.

Em Riba de Ave, Amoroso Lopes fica encarregue de projetos importantes como o Teatro Narciso Ferreira, o Mercado e a casa Conde de Riba de Ave, projetada para Raul Ferreira, também herdeiro de Narciso Ferreira.



Figura 2.22 – Fotografia da Farmácia Vitália



Figura 2.23 – Fotografia da edifício dos Armazéns Cunha



Figura 2.24 – Fotografia da Casa Conde de Riba de Ave

2.3.3. Valor patrimonial

Edifício limpo de ornamentação e com uma combinação do volumes retos, assume a sua imponentia no local, quer pela sua dimensão, quer pela sua história.

Durante o tempo em que esteve ativo, a sua agenda fica marcada por presenças de grandes figuras do panorama cultural da época, dinamizando a vida social e comercial da população, devido ao fluxo de visitantes do Teatro, da vila e de fora. Nele foram vividas experiências únicas, momentos que marcaram quem por lá passou. É um monumento que, ainda hoje, assume um grande valor sentimental.

Um dos poucos exemplares únicos que representam parte da história do nosso país, por isso, deve ser mantido e cuidado para ser revivido, e assim, voltar a ter o papel social e cultural nas gerações vindouras, a mesma influência que outrora teve na população local.

É de concluir que, existe quase uma necessidade de reabilitar o Teatro Narciso Ferreira, para que os ribadavenses voltem a reencontrar-se com a memória do património cultural e de Riba de Ave.

3. DIAGNÓSTICO

A Reabilitação de edifícios é considerada, actualmente, o tema que mais atenção tem merecido por quem pratica a Arquitetura, sendo até reconhecida pelas grandes entidades governamentais como uma necessidade nacional para a melhoria do desenvolvimento económico, cultural e social do nosso país.

Salvaguardar os valores patrimoniais e culturais dos edifícios e, em simultâneo, melhorar a condição de vida da sociedade, é um desafio que se encontra constantemente presente na Reabilitação. É necessário uma consciência clara do nível de degradação do edifício e das atuais exigências regulamentares, para que a proposta de intervenção ofereça uma nova utilidade programática em harmonia com a identidade do próprio edifício.

O conhecimento profundo de um edifício, estimula um melhor aproveitamento da sua potencialidade. A reabilitação com o propósito de ser reutilizado, deve recorrer-se aos elementos construtivos pré-existentes, para que haja uma maior preservação cultural e arquitetónica e, assim, oferecer uma maior estrutura económica, cultural e social sustentável.

Compreende-se uma necessidade de não permitir abordagens liberais nas intervenções no edifício abandonado, de modo a não destruir os poucos elementos que restam da sua memória. O equilíbrio do funcionamento espacial e a escolha do sistema construtivo e dos materiais, são alguns dos processos que devem ser inerentemente pensados para preservar a identidade do edifício.

Assim, o diagnóstico do edifício surge como um componente importante na execução de um projeto de reabilitação, pois requer uma precisão acrescida na avaliação pormenorizada do estado atual da construção. Sem ele, a probabilidade do projeto não corresponder às suas necessidades, nem de responder às patologias pré-existentes, tornam-se maiores, podendo até no futuro, causar uma maior deterioração no edifício.

3.1. Apresentação do levantamento



Figura 3.1 — Ortofotomapa de localização



Figura 3.2 — Vista da Ponte de Riba de Ave



Figura 3.3 — Vista da Avenida Narciso Ferreira



Figura 3.4 — Panorâmica da entrada de Riba de Ave

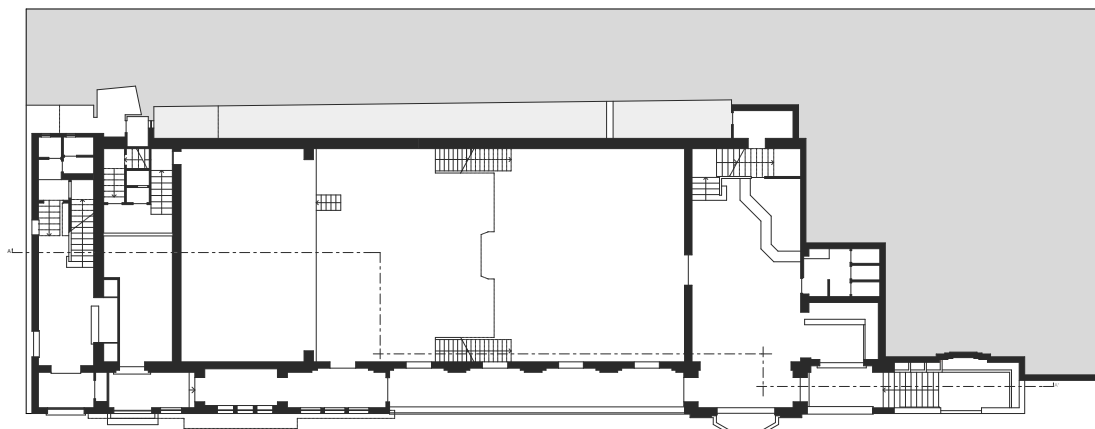


Figura 3.5 – Planta Piso 1

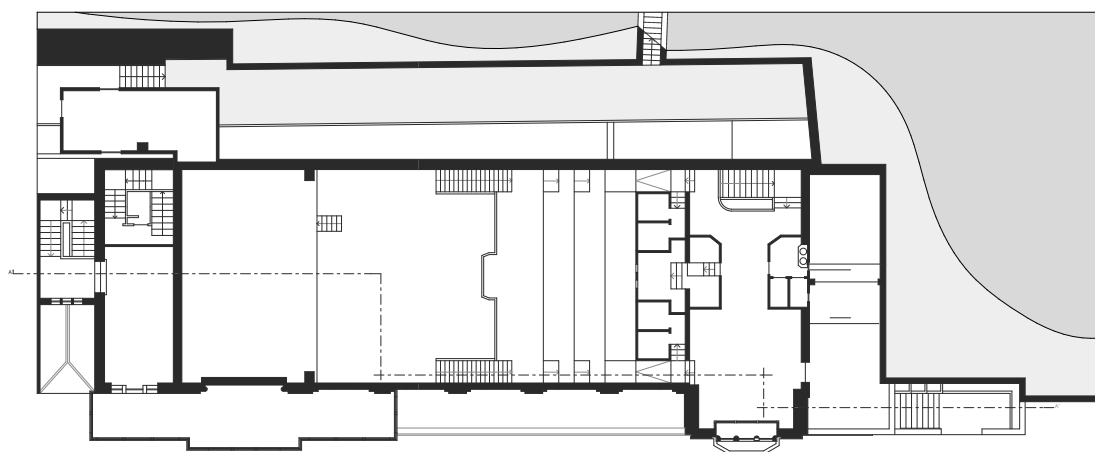


Figura 3.6 – Planta Piso 2

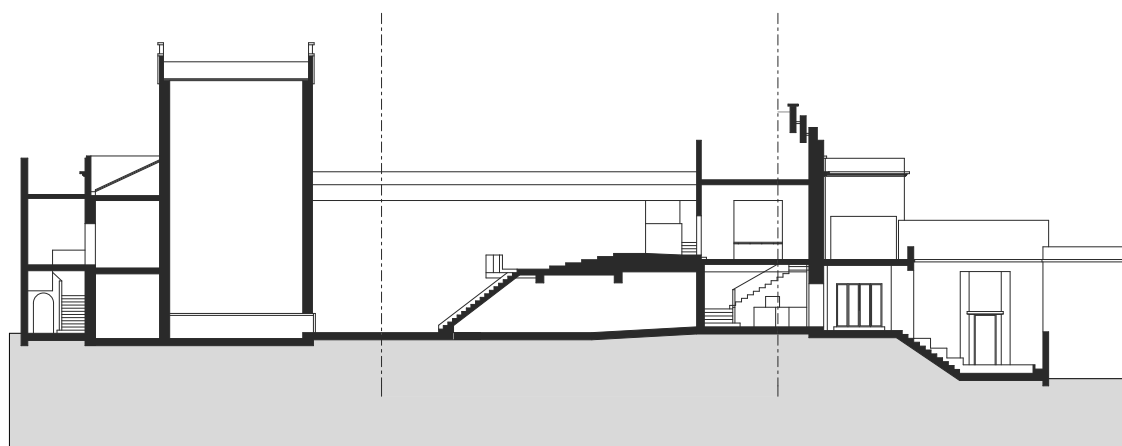


Figura 3.7 – Secção Longitudinal



Figura 3.8 – Alçado Poente (49m)

3.2. Levantamento fotográfico

Inicialmente, catalogar, fotograficamente, as patologias visíveis é muito importante para perceber quais e de que modo os elementos construtivos degradados possam ser recuperados devidamente.

O Teatro Narciso Ferreira é um edifício construído na primeira metade do século XX, daí a pedra e a madeira serem os dois materiais que mais estão presentes no edifício. A pedra, como material construtivo das paredes estruturais e a madeira, como material utilizado nos acabamentos e em todas as caixilharias.

As paredes estruturais que compõem o alçado principal são os elementos a valorizar, pois são os que se encontram em melhor estado de conservação.

Este teatro é um edifício construído numa época em que ornamentação dos alçados exteriores se transpunha para o interior. No entanto, estas abordagens não necessitavam de responder a exigências construtivas que hoje existem, daí ter sido encerrado por falta de acessibilidades e baixos níveis de comodidade. Este é um dos principais motivos por existir um número considerável de edifícios desta época que se encontram, atualmente, em total abandono.

3.2.1. Piso 1

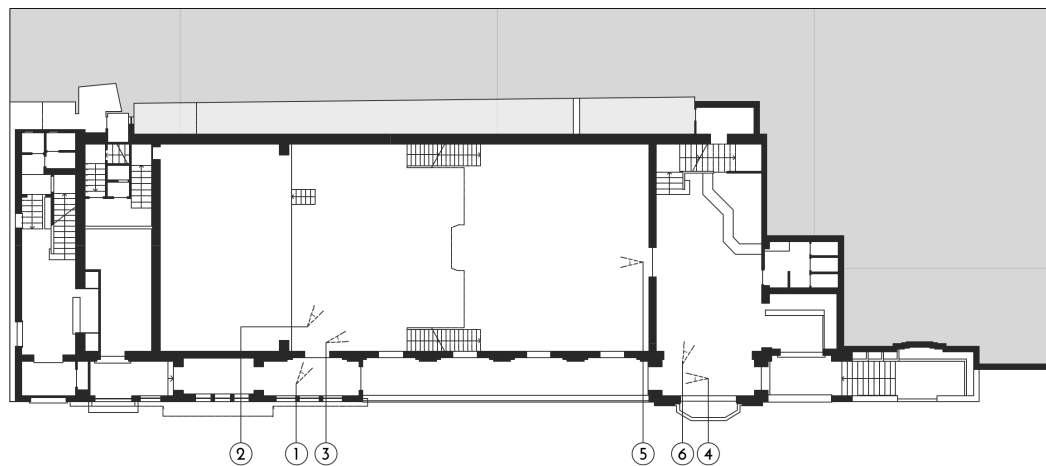


Figura 3.9 – Planta de localização das vista do Piso 1



Vista 1



Vista 2



Vista 3



Vista 4



Vista 5



Vista 6

Figura 3.10 – Fotografias atuais do Piso 1

3.2.2. Piso 2

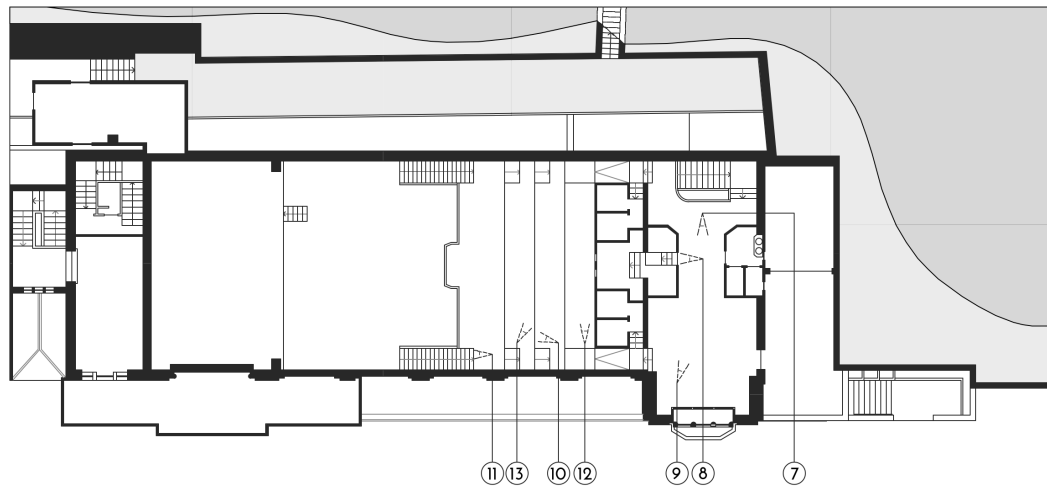


Figura 3.11 – Planta de localização das vista do Piso 2



Vista 7



Vista 8



Vista 9



Vista 10



Vista 11



Vista 12



Vista 13

Figura 3.12 – Fotografias atuais do Piso 2

3.2.3. Cobertura

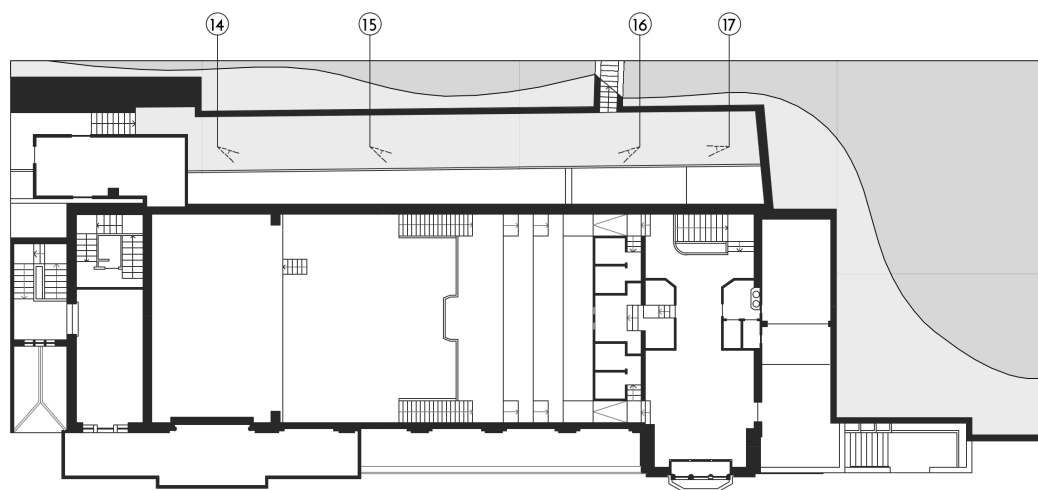


Figura 3.13 — Planta de localização das vista da Cobertura



Vista 14



Vista 15



Vista 16



Vista 17

Figura 3.14 — Fotografias atuais da cobertura

3.3. Patologias

A identificação das patologias deste edifício tem como propósito compreender os seus sistemas construtivos, para que a proposta de reabilitação possa ser o mais eficaz possível e, com isto, resolver os problemas mais preocupantes do estado atual do edificado.

O estado atual degradado do Teatro Narciso Ferreira, deve-se muito ao seu abandono, vandalismo e ao colapso da cobertura do auditório. Nesta área, o nível de degradação é mais elevado, devido ao facto das paredes estruturais e acabamentos interiores estarem em contacto direto com o exterior. No entanto, apesar das restantes áreas cobertas ainda estarem protegidas pelas suas coberturas, necessitam também, de ser reabilitados.

Apesar de encontrar trancado ao público, desde o seu abandono que o Teatro tem vindo a ser ocupado por jovens adolescentes e toxicodependentes.

Nas áreas mais comuns, nomeadamente o foyer de entrada, é mais visível o desgaste causado por quem lá habitava, onde a madeira das caixilhos dos vãos e os elementos decorativos foram retirados, muito possivelmente, para servirem de combustível de aquecimento no seu interior.

Como podemos visualizar no levantamento fotográfico presente nos subcapítulos anteriores, o estado das paredes estruturais da sala de espetáculos e da cobertura que são as patologias que merecem principal atenção.

No que diz respeito às paredes estruturais, compreende-se que se tratam de paredes de pedra, em que o seu papel estrutural tem um valor significativo no edifício. Nelas encontravam-se suportadas as cargas da cobertura do auditório e eram constituídas por dois panos de alvenaria, com um total de 30 centímetros de espessura.

Estas paredes estruturais assumem um papel importante, uma vez que o Teatro é um equipamento de grandes dimensões, a alvenaria de pedra consegue oferecer a estabilidade estrutural necessária e, ao mesmo tempo, servir de isolamento térmico e acústico. Por isso, os acabamentos exteriores e interiores foram feitos diretamente na pedra, com reboco e com estuque, respetivamente. A aparência degrada nestas superfícies é motivada pelo tempo, visto que a falta de manutenção fez com que cedessem e a pedra estrutural ficasse à vista.

A cobertura do Teatro, possui várias “águas”, com as cotas a alternarem da torre principal para o auditório. A cobertura do auditório já se encontra completamente colapsada e a

da torre, apesar de parecer estruturalmente estabilizada, não oferece condições de segurança para quem habita o interior do edifício.

Tendo em conta a sua época construtiva e segundas as marcas nas paredes estruturais, a estrutura seria constituída por asnas conectadas por madres, onde posteriormente, estariam as varas e as ripas que suportavam as telhas. As paredes em alvenaria de pedra voltam a ser relevantes na estrutura no edifício pois é lá que se descarregam todas as cargas da cobertura.

Compreende-se, então, que a cobertura é a principal patologia do edifício, pois com o seu colapso, não só prejudica todo o interior do edifício como também, no caso do auditório, deixa de cumprir o papel de elemento de travamento destas mesmas paredes estruturais.

Analisando isto, compreende-se que o seu estado atual de degradação tem efeitos negativos no restante edifício, pois com a existência de infiltrações e crescimento descontrolado de vegetação, elementos construtivos como os pavimentos e as paredes divisórias também acabam por ser diretamente prejudicados.



Figura 3.15 – Fotografia da estrutura da cobertura



Figura 3.16 – Fotografia da vegetação na cobertura



Figura 3.17 – Fotomontagem da degradação das paredes estruturais

4. PROPOSTA



Figura 4.1 — Renderização do alçado principal

4.1. Conceito

O projeto escolhido para este trabalho de investigação tem como principal objetivo a reabilitação de um lugar histórico na vila de Riba de Ave mas que, atualmente, se encontra devoluto.

O programa principal da proposta de reabilitação reside na recuperação do programa anterior que, para além da sala de espetáculos principal, são incluídos espaços mais privativos e outros de carácter mais social e de interação com a envolvente exterior.

Com o projeto que aqui se propõe, pretende-se otimizar e conciliar a qualidade de vida com a cultura da população da vila de Riba de Ave.

Atualmente, devido ao seu estado degradado, o Teatro Narciso Ferreira encontra-se encerrado ao público, visto que não oferece quaisquer tipo de condições de segurança para receber espetáculos.

Posto isto, é proposta uma reabilitação do edifício, em que o papel do auditório é mantido num programa onde a criação de novas divisões, nomeadamente o café-concerto, a loja, a administração, os camarins e a praça na cobertura, trazem um maior enriquecimento programático. Esta intenção permite ao edifício receber novas atividades culturais e consequentemente, promover a recuperação da avenida que em tempo foi o centro económico e cultural da vila de Riba de Ave.

Situado na Avenida Narciso Ferreira, entrada principal da Freguesia de Riba de Ave, a 50 metros da Ponte de Riba de Ave, o teatro é um dos principais testemunhos do património cultural do Vale do Ave.

Feita toda análise a análise do caso de estudo, é possível compreender que a proposta de intervenção alicerça-se em três pilares: o restauro do degradado, a reabilitação espacial e construtiva e a construção de novos elementos espaciais.

Todos estes componentes se complementam ao longo do projeto. Como exemplo, temos a criação da sala de artes performativas e da praça exterior, que só foi possível devido à reorganização espacial e construtiva dos pisos inferiores. No exterior, foi adotado uma atitude de restauro da fachada, sem alterar a imagem original da torre principal do Teatro Narciso Ferreira.

4.2. Metodologia

No presente projeto, apesar de ser fortemente presente o restauro e a reabilitação, é mantido a localização e o papel do auditório principal como base na reorganização espacial do edifício. Uma vez que as condições das acessibilidades do edifício são precárias, foi necessário uma abordagem mais alargada do que seria mantido e do que teria de ser demolido.

Ficou estabelecido que a torre principal e as paredes estruturais que limitam o auditório constituem a identidade do edifício, logo desde cedo necessitaram de uma abordagem especial e, assim, manter a sua originalidade.

No restante programa existente do edifício, verificou-se uma carência nas áreas das diferentes divisões e uma degradação avançada das paredes e dos pisos, nomeadamente, na receção, camarins e casas de banho. Deste modo, a ampliação do perímetro do edifício e a construção de novos elementos estruturais possibilitou criar melhores condições para o aumento de um novo programa complementar com o princípio de reabilitação do edifício.

4.3. Programa

Um dos temas apurados neste projeto é a forma como os diferentes espaços fabricam uma diferença do espaço privado para o espaço público, através da sua organização. Mas, de modo a solucionar o mau aproveitamento espacial, o baixo pé direito nos diferentes pisos e as questões preocupantes de acessibilidades, desde cedo assumiu-se uma organização de circulação livre entre os vários espaços como o principal princípio da proposta de intervenção.

À medida que o edifício é visitado, torna-se visível uma tipologia de espaços amplos, onde a barreira visual de elementos construtivos é reduzida o menos possível, ou seja, as áreas destinadas ao público geral funcionam como um *“open space”*, reduzindo assim, a sensação claustrofóbica que é sentida atualmente.

Existem, porém, exceções no programa, nomeadamente as instalações sanitárias, os camarins e a área administrativa, visto que assume um cariz mais privado.

De modo a organizar os compartimentos para que fosse possível uma amplitude agradável para o público, foi necessário aumentar o perímetro do edifício e destruição de paredes divisórias. No entanto, assumiram-se elementos construtivos do Teatro que manteriam a

sua forma original, nomeadamente, a torre principal e as paredes estruturais do auditório. Este princípio permitiu criar condições no que toca às áreas interiores para a aplicação da tipologia de espaços amplos relacionados entre si através da circulação livre.

A disposição das áreas destinadas ao público geral, foi pensada para oferecer varias alternativas de circulação ao visitante, uma vez que é possível optar por um dos dois circuitos que ligam a entrada principal e a praça situada na cobertura no auditório.

A circulação para a área administrativa e camarins não entra em conflito com nenhum dos percursos dos visitantes, pois com a criação de uma segunda receção mais privativa, situada do lado oposto da entrada do público geral, deixa de existir cruzamento entre os artistas e o público geral.

As instalações sanitárias nos diferentes pisos, mas com rápidos acessos, estão situadas em áreas mais recuadas em relação às restantes divisões, de modo a dar respeito a tipologia da organização espacial.

A torre original é o elemento mais importante do edifício. O seu pé direito assume a sua imponência quando culmina numa claraboia que ilumina diretamente toda área do café concerto e, conseqüentemente, se acede ao auditório. É nela também que se encontram os principais acessos do Teatro que, ao estarem desviados, mas imediatamente próximos do *foyer* principal, de forma a facilitar a circulação para o auditório e assim, oferecerem mais espaço à receção e ao café concerto.

A forte vontade de criar espaços mais amplos, permite oferecer condições espaciais ao edifício para que no futuro consiga receber outros tipos de atividades culturais, para além daquelas que são exequíveis apenas em auditórios. Com isto, tornar-se-á possível realizar várias atividades em simultâneo, onde os seus requisitos espaciais são diferentes de sala para sala.

4.3.1. Piso 1

O primeiro piso é onde se encontra a transição da avenida para o interior do edifício. É nele que se situam as duas receções, uma na torre principal e destinada ao público geral e a outra, situada a norte do edifício e de cariz mais privado, reservada aos artistas e administração.

Com a remoção da varanda que servia de apoio à sala de espetáculos e do volume onde se encontrava a antiga entrada dos artistas, é proposta uma rampa de apoio às escadas de acesso ao edifício. Com isto, ao se deslocar a entrada principal, o acesso ao interior é feito na torre principal, dando uma nova utilidade ao pequeno miradouro que caracteriza a sua fachada.

Neste mesmo patamar, mas mais resguarda, encontra-se a segunda caixa de escadas exterior que dá acesso à esplanada do café concerto, situado no piso superior.

Já no interior do edifício, é visível a intenção de criar espaços amplos e visivelmente relacionados entre si. No *foyer* principal, tanto o balcão da receção como a caixa de escadas e as casas de banho sofreram uma alteração na sua disposição.

Em planta, o espaço público é separado do espaço privado, em que o único elemento de ligação entre os dois é o volume do auditório. Esta intenção encontra-se também no piso superior, onde se encontra a entrada principal do auditório.

Com o aumento do perímetro da implantação do edifício, foi possível encostar as casas de banho e a caixa de escadas ao canto superior direito, oferecendo mais área para a chegada do público geral. Uma vez incorporada no volume que delimita todo o interior do auditório principal, a receção permite uma orientação mais facilitada das entradas inferiores, pensadas principalmente para o público com capacidade motora reduzida. Em caso de emergência, estas duas portas também servem de saída rápida do auditório para a receção e, posteriormente, para a o exterior do edifício.

A localização da loja encontra-se o mais próximo possível da entrada, e através da abertura de um vão exterior, torna-se perceptível a sua existência através do exterior.

Na procura de oferecer luz natural ao piso, foi criado um pátio exterior de apoio ao espaço privado, em que ilumina também a zona da caixa de escadas e do *foyer* principal.

Na área destinada ao espaço privado, os camarins assumem-se como o elemento principal da sua disposição espacial. Divididos em quatro camarins individuais, estes podem ser transformados em dois coletivos, através da elevação de duas paredes divisórias situadas entre os volumes das respetivas casas de banho (Figuras 4.4 e 4.5).

Na transição entre os camarins e o auditório, foi criada uma zona de estar onde os artistas podem proceder à sua preparação pré-show. Esta divisão está equipada com uma sala de arrumos, uma casa de banho de serviço e um pátio privativo exterior. Mesmo pátio que também serve de iluminação para os camarins.

Como elemento de transição entre o exterior e o interior, foi pensada uma segunda receção nas traseiras do palco do auditório, destinada aos artistas. Esta zona de entrada possui um segundo elevador de apoio aos pisos superiores e a porta destinada ao carregamento do equipamento de espetáculo. De modo a não tirar relevância à torre principal do edifício, a segunda receção encontra-se recuada em relação à fachada, passando despercebida da avenida.

Uma vez salientado o que é espaço público e o que é espaço privado, torna-se também importante pensar em alternativas para que estes espaços se tornem num só, sem diferenciação.

É então que surge a ideia da colocação de um elemento amovível. Com a colocação de duas paredes de pladur, adjacentes às portas de entrada do auditório, ao serem recolhidas verticalmente, permitem criar um circuito continuo ao longo do perímetro do auditório. Em ocasiões especiais, esta alternativa possibilita ao Teatro receber outro tipo de atividades de carácter mais específico.

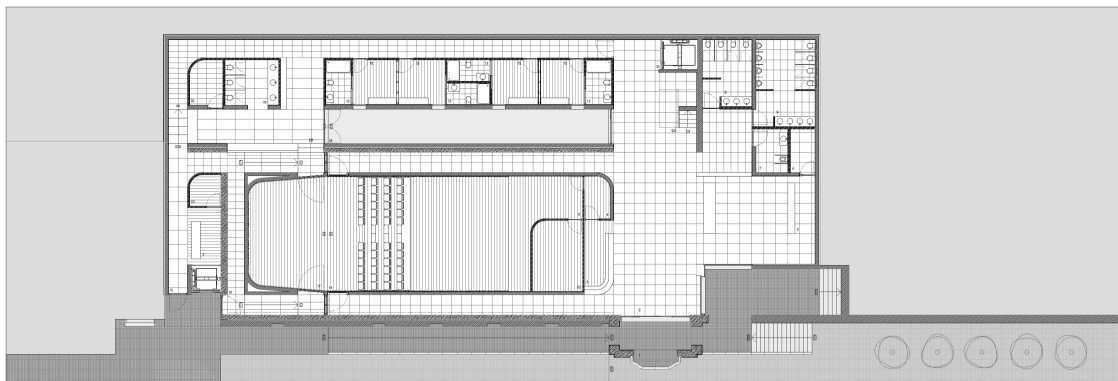


Figura 4.2 – Planta do Piso 1



Figura 4.3 — Renderização do foyer de entrada



Figura 4.4 — Renderização do camarim coletivo



Figura 4.5 — Renderização do camarim individual



Figura 4.6 — Renderização da sala de espetáculos

4.3.2. Piso 2

No segundo piso, a organização espacial não foge à regra e segue o mesmo princípio do piso inferior: o espaço privado encontra-se diferenciado do espaço público, com a presença de circulação livre entre os vários equipamentos. É neste piso que funciona o auditório e o café-concerto. É considerado o piso principal do edifício, pois está destinado ao espetáculo, às atividades culturais e ao serviço de bar e esplanada.

Assim como no piso inferior, a ligação entre os vários espaços públicos é igualmente feita por um *foyer*, espaço central para onde estão direcionadas a caixa de escadas. Este mesmo espaço serve de área para o café-concerto, com o balcão a situar-se novamente no volume do auditório, permitindo uma coerência com o piso inferior. Sem prejudicar a circulação no *foyer*, o palco do café-concerto foi encaixado na torre principal, de modo aproveitar a relação com o exterior feita pelos seus vão envidraçados e, assim, usufruir da vista da avenida como cenário. A esplanada situa-se a sul da torre principal, na cota de chegada das escadas exteriores que ligam à receção do edifício. É neste piso que se encontram as principais entradas do auditório. No seu interior, imediatamente se torna perceptível a ideia de circulação livre, onde é criado um percurso que circunda toda a sala de espetáculos, oferecendo ao espetador a oportunidade de ter uma vista de 360 graus do palco principal. Assim, com capacidade para 144 lugares sentados, o número de pessoas na plateia pode ser complementado pelos lugares em pé. Na cota superior deste mesmo percurso, encontram-se a caixa de escadas e o elevador que dão acesso aos restantes pisos.

Uma vez pensada para poder receber vários tipos de atividades culturais, a bancada do auditório possui uma estrutura retrátil. Ao recolher para uma sala técnica no piso inferior, liberta toda a área adjacente ao palco principal, criando uma sala ampla para a realização de atividades que necessitam de grandes espaços abertos.

No que diz respeito ao espaço privado, a área administrativa assume a mesma implantação que os camarins no piso inferior. Nas suas paredes divisórias, foram criadas duas caixas de ar para que as paredes móveis dos camarins possam ser recolhidas sem que seja perceptível do interior das salas administrativas. As salas administrativas são igualmente equipadas por uma casa de banho de serviço, uma sala de arrumos e também por uma área exterior privativa. O pátio assume, novamente, um papel importante na iluminação natural do interior das salas administrativas e da caixa de escadas de acesso ao café-concerto.



Figura 4.7— Renderização do café-concerto



Figura 4.8 — Renderização da esplanada do café-concerto

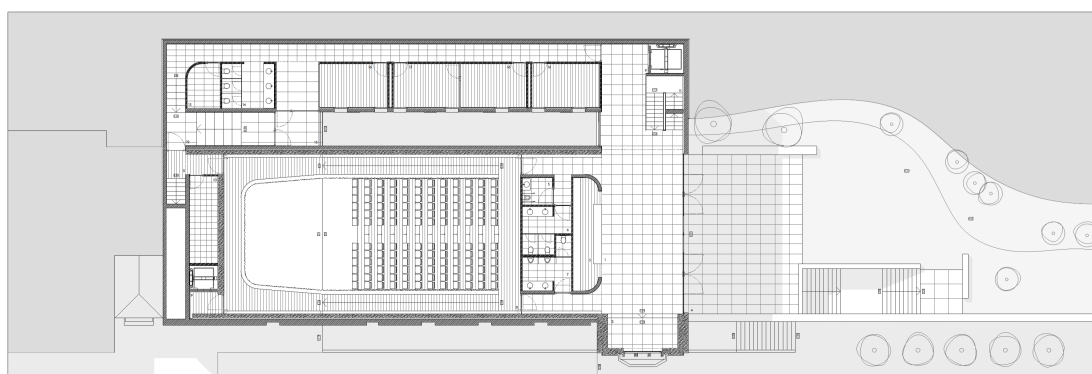


Figura 4.9 — Planta do Piso 2

4.3.3. Piso 3

No terceiro e último piso, todos os espaços são de carácter público. É a parte do edifício onde a relação com a envolvente se encontra mais presente.

O elevador e as escadas que se encontram no auditório do piso superior, vão dar acesso a este piso, numa sala destinada a artes performativas e directamente relacionada com a praça exterior. Numa tipologia de *open-space*, toda a fachada do volume está direccionada para a praça, beneficiando de uma generosa iluminação natural, através do longo envidraçado.

Como abordagem construtiva, este volume encontra-se fechado para avenida, de modo a limpar o alçado poente e assim, manter a torre como elemento original e de principal importância da proposta de reabilitação. Para compensar esta barreira visual, com a utilização de portadas móveis no envidraçado, todo o tipo de espetáculos que aconteçam nesta sala, podem ser transportados para a praça exterior, onde mais uma vez, teremos a paisagem das margens do Rio Ave como cenário realista.

No volume da torre principal, torna-se possível aceder à praça, através dos acessos verticais que ligam todos os pisos. Este acesso, apesar de não ser feito directamente, oferece uma alternativa de percurso para quem optar fazer pelo interior, onde é possível uma constante relação visual com os restantes pisos e respetiva envolvente exterior.

Como a circulação livre é um princípio fortemente presente em todo o edifício, também é possível aceder à praça pelo exterior. Esta alternativa oferece uma vista completa do edifício todo, desde o alçado até café-concerto, passando pelo pátio privativo que coze a praça com a torre principal.

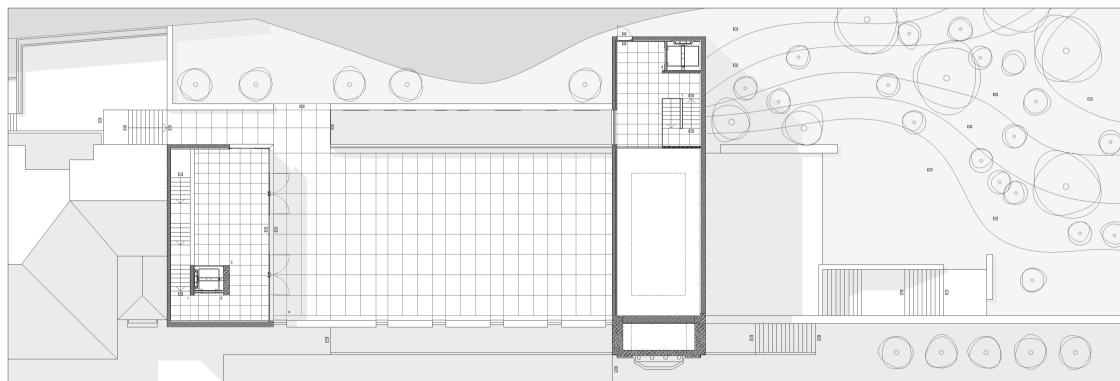


Figura 4.10 — Plano do Piso 3

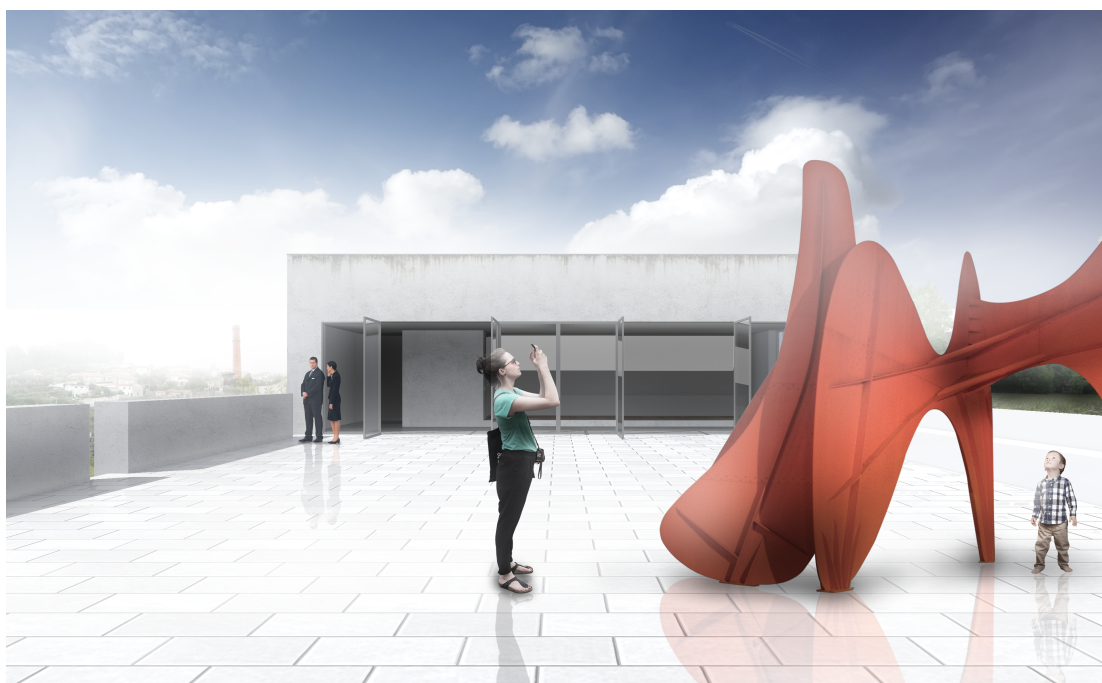


Figura 4.11 – Renderização da praça exterior, situada na cobertura do auditório

4.4. Intervenção Construtiva

Uma vez se tratar de um projeto de reabilitação, preservar os elementos característicos tornou-se numa abordagem fundamental para manter a identidade do Teatro Narciso Ferreira.

Com as visitas ao edifício, desde cedo se perceberam algumas carências a nível estrutural. Com paredes estruturais em pedra e as lajes intermédias fortemente degradadas, considerou-se necessário reforçar os seus elementos construtivos de modo a aguentar com o programa que será proposto. Posto isto, a intervenção na estrutura foi, fundamentalmente, efetuada no volume onde se encontra o auditório. Na torre principal, os seus elementos estruturais não mostravam inícios de degradação, o que se tornou desnecessário intervir estruturalmente.

Com a inclusão de uma praça na cobertura do auditório, os 30 centímetros de espessura das paredes estruturais pré-existentes não conseguiriam suportar toda a carga da estrutura da laje, o que se tornou necessário recorrer à utilização de uma segunda parede estrutural em betão armado, com uma espessura de 25 centímetros. Esta abordagem, não só alivia estruturalmente as paredes pré-existentes, como também permite preservar a identidade do Teatro, através das paredes de pedra à vista a delimitar o interior da sala de espetáculos.

Pormenorizadamente, a camada de 6 centímetros de isolamento é usada como cofragem da segunda parede de betão, não permitindo um contacto direto com as paredes de pedra estruturais.

Para reforçar esta abordagem, a utilização de uma estrutura única no percurso que circunda o palco do auditório, permite um afastamento de 20 centímetros das paredes de pedra. Como elemento de ligação, são utilizadas lajetas de pedra no piso do corredor de acesso ao auditório, no Piso 1, de forma a criar uma continuidade entre o pré-existe e o construído.

Na área destinada ao espaço privado, toda a sua estrutura encontra-se enterrada, sendo necessário a utilização de paredes estruturais de betão armado, de 25 centímetros de espessura, para melhor suportar o terreno.

No interior das salas administrativas e dos camarins, o acabamento do piso é feito em soalho, o que oferece um ar mais acolhedor. Nos corredores de acesso e nas áreas comuns, são novamente utilizadas lajetas polidas de mármore de cor bege, seguindo o mesmo princípio dos corredores de acesso ao auditório, como foi anteriormente referido.

À exceção das paredes de pedra nos interiores do auditório e da torre principal, é utilizado o pladur como acabamento final das restantes paredes interiores. As paredes divisórias são constituídas por tijolo de 11 centímetros e placas de pladur de 2 centímetros, assumindo uma espessura total de 15 centímetros, enquanto que nas paredes amovíveis dos camarins, a sua estrutura é metálica e detém uma espessura total, também de 15 centímetros.

No exterior, o acabamento é feito em betão branco, enquanto que na torre principal é mantido o acabamento original em reboco de 2 centímetros, sobre a pedra e o betão estrutural adicional. Nos pisos exteriores é também feito em lajetas de betão branco.

Como já foi referido anteriormente, esta diferença de acabamentos pelo exterior, permite destacar ainda mais a torre como elemento primordial do Teatro Narciso Ferreira.



Figura 4.12 – Corte construtivo

4.5. Mapa de Vãos

Depois de analisados, individualmente, todos os vãos, quer interiores quer exteriores, é proposto a sua substituição total. Estes apresentam um elevado grau de degradação, daí não oferecem condições suficientes para a sua adaptação à proposta de reabilitação. Deste modo, foram desenhados dois tipos de vãos interiores e dois tipos de vãos exteriores, para serem aplicados nas diferentes divisões do edifício. O único elemento que varia de vão para vão é a altura, o que permite uma adaptação mais facilitada entre as divisões em que estão inseridos.

Os vãos interiores estão representados pelos vãos do auditório e dos camarins, salas administrativas e sala de reuniões, situados nos pisos 1 e 2.

Nos vãos exteriores, a sua representação é feita pelos vãos do café concerto e sala de artes performativas e dos camarins, gabinetes administrativos e sala de reuniões.

No processo de desenho, foram tidos em consideração elementos construtivos comuns, de modo a estar presente uma coerência entre todos, respeitando sempre, a linguagem do projeto e a história do Teatro Narciso Ferreira.

4.5.1. Vão Interior Tipo: Piso 1 e Piso 2 — Camarins, Gabinetes Administrativos e Sala de Reuniões

Para respeitar a memória pré-existente, é mantida a madeira em toda a estrutura do vão. Com uma imagem simples e mais limpa, o uso da madeira no caixilho e na porta assume uma relação direta com o interior das divisões, com o soalho a servir de acabamento final do piso. Na alçada exterior do vão, mais especificamente, nos corredores e áreas comuns, é usada um acabamento de pintura branca, para que haja uma continuidade com as paredes.

Enquanto que no interior, o objetivo é marcar presença no espaço, pelo exterior a intenção inverte-se. A presença da porta branca na parede branca, enfatiza a cor bege do mármore como acabamento do chão. No que diz respeito à altura do vão, é a mesma que a do pé direito, transmitindo a noção de verticalidade contrastada com a longitudinalidade do corredor.

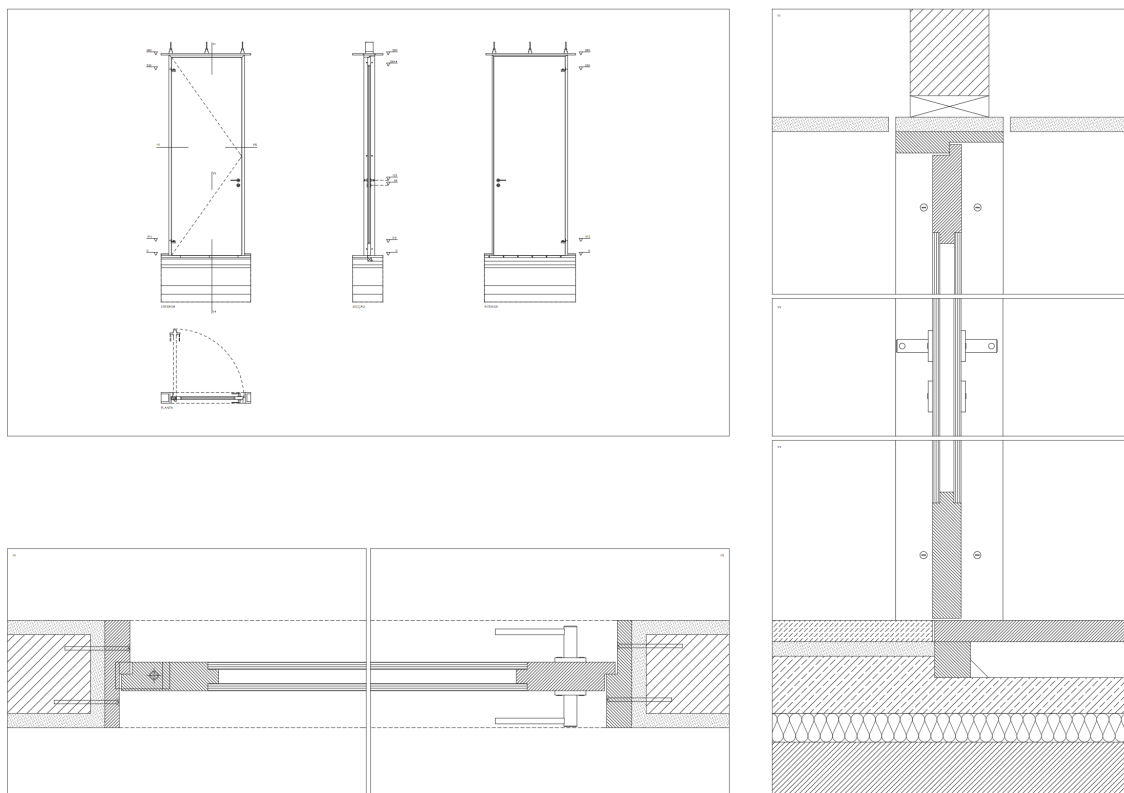


Figura 4.13 — Vão interior tipo: piso 1 e piso 2 — camarins, gabinetes administrativos e sala de reuniões

4.5.2. Vão Interior Tipo: Piso 1 — Auditório

Dos vãos tipo escolhidos, este é, provavelmente, o mais particular do todos. Não apenas por ser uma das entradas do auditório, mas também por representar, pormenorizadamente, o sistema construtivo do acabamento das paredes interiores que delimitam a área do bancada e do palco principal.

Com a madeira a estar novamente presente como elemento principal da sua composição, é mantida uma relação do exterior para o exterior do auditório, onde se tem uma perceção mais direta da materialidade dos acabamentos interiores da sala de espetáculos.

Uma vez se tratar de um vão que igualmente tem o papel de servir de porta de emergência, não possui qualquer tipo de puxador pelo interior. Ou seja, a sua abertura é feita pela forma mais rápida e simples possível, com um empurrar a ser o suficiente para abrir o vão. Com a colocação de um puxador único no alçado exterior e de dois trincos nas partes superior e inferior do vão, o seu mecanismo de abertura ganha ainda mais força.

De modo a criar o menos impacto visual possível no interior, o acabamento tridimensional em madeira de Castanho é prosseguido para o alçado interior do vão, o que permite a sua espessura exceder dos habituais 4 centímetros para os consideráveis 12 centímetros. Nesta medida, já se encontra incluída a estrutura de suporte do acabamento interior.

Devido à sua importância no funcionamento da sala de espetáculos, torna-se necessário referenciar a particularidade do acabamento interior do auditório.

Com uma estrutura vertical de encaixes modulares, o acabamento em madeira de Castanho serve de elemento de quebra da linguagem longitudinal do percurso que circunda o palco principal, mas simultaneamente, oferece uma melhor acústica à sala de espetáculos.

A madeira de Castanho foi a escolhida, não só por ser muito utilizada na região do Minho, mas também pela sua alta qualidade. Leve mas, ao mesmo tempo, dura e de grande resistência, torna-se assim ideal para revestir um auditório preparado para receber todo o tipo de atividades culturais.

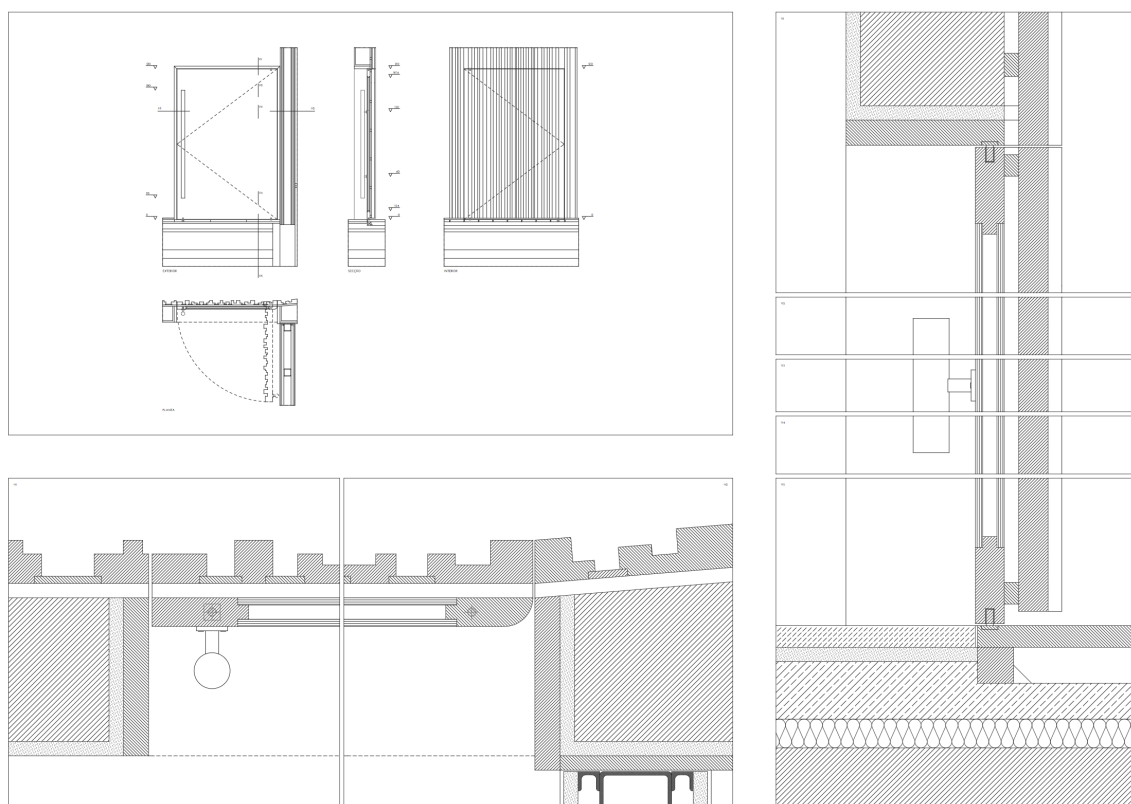


Figura 4.14 — Vão interior tipo: piso 1 — auditório

4.5.3. Vão Exterior Tipo: Piso 1 e Piso 2 – Camarins, Gabinetes Administrativos e Sala de Reuniões

Direccionado a divisões de carácter mais privativo, o primeiro vão exterior foi pensado para oferecer uma relação com o interior do pátio privativo, mas sem permitir um acesso direto ao mesmo.

Para tal, a janela basculante de madeira de 2 metros e 20 centímetros, assume o mesmo princípio das portas de acesso às mesmas divisões, criar uma relação direta com o interior das divisões, onde o soalho serve de acabamento do chão.

Para cumprir requisitos de proteção da própria madeira, pelo exterior, são aplicadas lâminas de alumínio com 8 milímetros de espessura. Não só protege toda a madeira do vão, como também se relaciona visualmente com o betão branco aparente da fachada exterior.

No que diz respeito ao envidraçado, é utilizado o vidro duplo para melhor isolamento térmico e acústico.

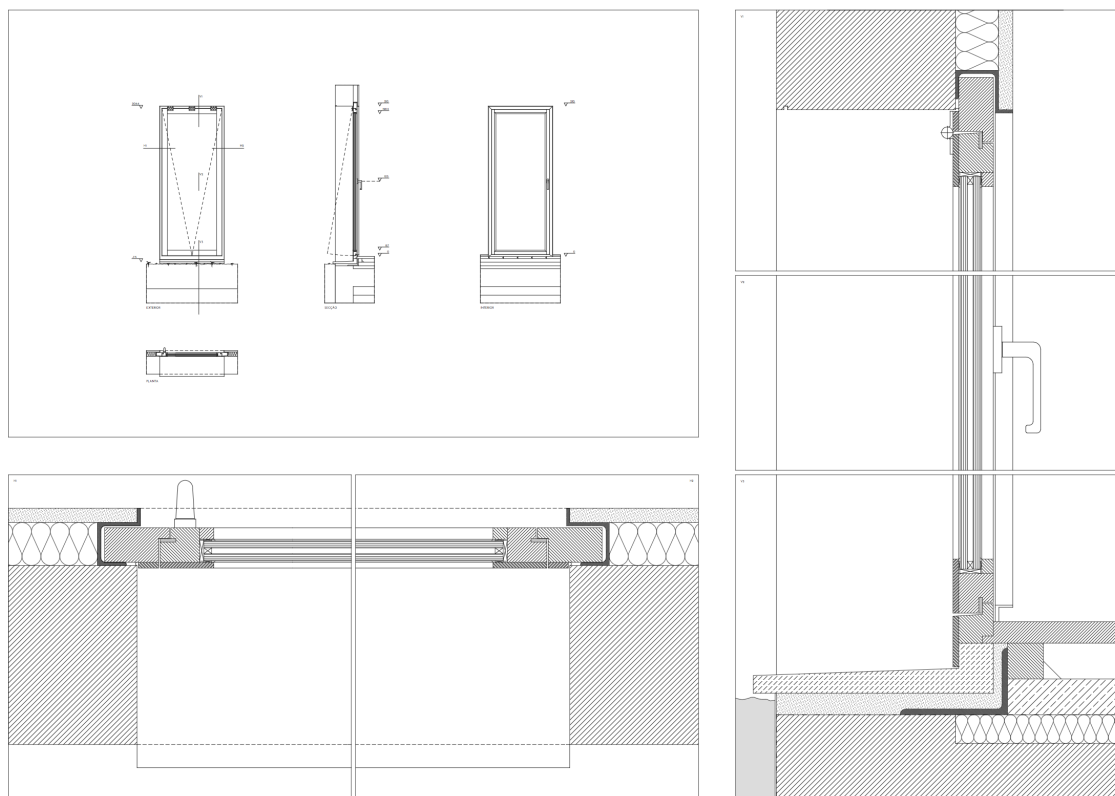


Figura 4.15 – Vão exterior tipo: piso 1 e piso 2 – camarins, gabinetes administrativos e sala de reuniões

4.5.4. Vão Exterior Tipo: Piso 2 e Piso 3 — Café Concerto e Sala de Artes Performativas

É o segundo vão exterior tipo e considerado um dos mais relevantes. Este marca a conexão entre as áreas públicas interiores e as áreas públicas exteriores, mais precisamente, entre o café concerto e a esplanada, e a sala de artes performativas e a praça exterior.

O caixilho em madeira é igual ao primeiro vão exterior, o que permite manter a mesma memória dos antigos vãos do Teatro. Sem deixar de responder às necessidades de proteção da madeira, também são utilizadas as lâminas de alumínio com 8 milímetros de espessura, mantendo também, a mesma coerência dos restantes vãos exteriores presentes nas restantes fachadas do edifício.

A orientação das aberturas dos vãos móveis foi pensada para dar resposta aos espaços em que estão inseridos, ou seja, tanto no café concerto como na sala de artes performativas, as atividades neles realizadas, podem se relacionar com o exterior. Esta princípio vem dar mais importância à ideia inicialmente pensada, de criar o anfiteatro natural e a praça exterior como elementos complementares às áreas públicas interiores.

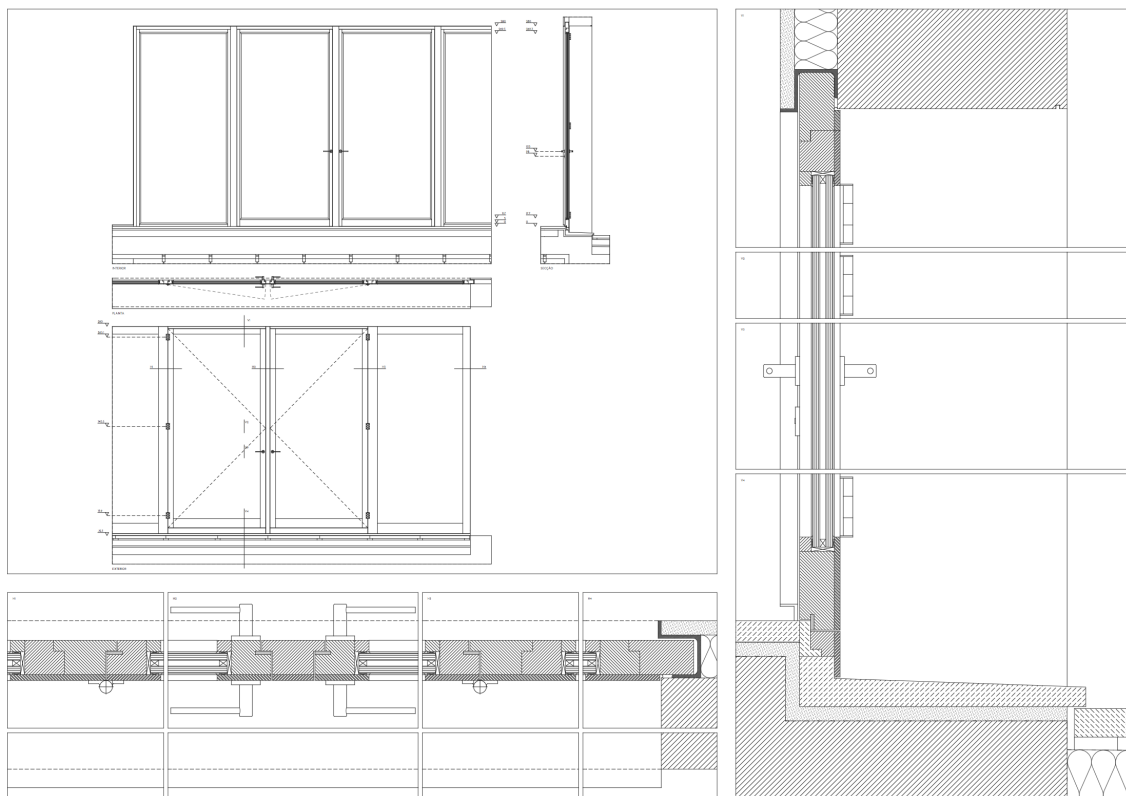


Figura 4.16 — Vão exterior tipo: piso 2 e piso 3 — café-concerto e sala de artes performativas

5. CONCLUSÕES

Com este projeto contribui-se para uma análise da prática da reabilitação do património, de modo a promover uma consciencialização da importância da recuperação de edifícios abandonados, fenómeno causado pelo abandono das populações das zonas centrais dos núcleos urbanos. A revitalização destas regiões promoveria um equilíbrio social e cultural que, economicamente, beneficiaria o nosso país.

Dois dos objetivos propostos para este projeto, a reabilitação do Teatro Narciso Ferreira num programa benéfico para a vila de Riba de Ave e, ao mesmo tempo, a recuperação da memória de Narciso Ferreira na região, oferecem a possibilidade à vila de ter mais condições para receber espetáculos e atividades socioculturais. Com a reabilitação deste edifício, Riba de Ave ganha um novo espaço de lazer e perde uma ruína, enriquecendo assim, a entrada principal da vila. Deste modo, chamar-se-ia a atenção das pessoas e, conseqüentemente, de investimentos económicos na indústria/comércio local, permitindo desenvolvimento nestas pequenas regiões e assim, um equilíbrio social, económico e cultural de norte a sul de Portugal.

Com a mobilidade das populações dos meios rurais para as grandes cidades torna-se necessário reaver o interesse cultural nas vilas e aldeias que estão repletas de espaços abandonados, que outrora foram influentes ou que têm potencialidade para serem transformados em algo útil para a sociedade.

A reabilitação desses edifícios requer um reconhecimento dos seus métodos construtivos e da sua importância patrimonial. Será assim importante basear esse reconhecimento na pesquisa, através de documentos escritos, desenhados e fotografados, com o intuito de compreender as diferentes fases construtivas do objeto de estudo e a sua variação de usos. Caso seja confirmado o seu valor patrimonial, a sua identidade original deverá ser mantida, de modo a preservar a sua história e as suas memórias. O projeto proposto surge como resposta à necessidade de trazer as memórias do passado para as vivências das gerações futuras.

Foi necessário definir princípios de intervenção assentes no estudo das condições culturais, arquitectónicas e funcionais, de modo a que proposta se adapte o melhor possível ao objecto de estudo. Tendo em conta a importância do Teatro Narciso Ferreira na comunidade ribadavense, ficou decido manter o programa primitivo, adicionando outros espaços de apoio de modo a dar resposta às exigências culturais atuais e a ter capacidade para receber o máximo numero de pessoas possível por cada atividade realizada.

A proposta foi pensada de modo a dinamizar a cultura da vila, oferecendo à população um novo uso dotado de qualidade e conforto, sem entrar em conflito com o valor patrimonial do edifício, oferecendo uma organização espacial adaptado ao edifício existente.

Para a sua imagem exterior, propôs-se o redesenho da fachada, mas mantendo a torre principal do edifício, caracterizada pelo seu estilo *Art Deco* e pelo medalhão de homenagem a Narciso Ferreira.

Outros aspetos assumiram papéis importantes no processo. Localização, história e programa dos espaços interior/exterior, obrigaram a uma investigação na documentação específica e em referências de casos de estudo, possibilitando uma comparação com outras abordagens arquitetónicas de modo a entender as variadas formas de se apropriação de espaços construídos em desuso.

Os sistemas construtivos propostos são fundamentais no processo de reabilitação de edifícios patrimoniais. Igualmente, as formas de desenhar novos espaços são conscientemente influenciadas pela conservação dos sistemas construtivos dos objectos de estudo. Ao longo do processo de trabalho, foi possível compreender as características construtivas do edifício. As patologias são variadas, logo as soluções construtivas variaram ao longo do projeto, concluindo que em certas circunstâncias seria necessário demolir, assim como também manter características que protejam a identidade histórica do edifício.

Todo este processo de realização do projeto aproxima-se da prática profissional, na medida em que são necessários métodos de trabalho, nomeadamente o contacto com o cliente e diversas instituições, tais como a Fundação Narciso Ferreira e Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, e a realização de elementos desenhados e escritos, que estarão sempre presentes na realização de futuros trabalhos. Este primeiro ensaio de aproximação à prática profissional permitiu adquirir uma breve experiência que ao longo do curso não foi possível. As reuniões com representantes da diversas instituições permitiu compreender como realmente é lidar pessoalmente com os interesses do cliente e como uma encomenda de projeto pode variar ao longo do processo de conceção.

Com todo o conhecimento adquirido ao longo do percurso académico a servir com alicerce no processo de trabalho, foi possível adotar uma abordagem mais fundamentada a nível arquitectónico e construtivo, conferindo uma maior coesão na proposta de reabilitação. Todo este processo de trabalho foi constantemente complementado por diversos instrumentos de

estudo e representação. O registo fotográfico, as constantes visitas ao edifício e o desenho à mão levantada assumiram uma importância acrescida na compreensão do lugar.

Com a finalização da Tese de Mestrado, foi superada a fase de transição da vida académica para o mundo profissional. Com a aprendizagem adquirida, nomeadamente as matérias teóricas e práticas, a finalização deste projeto representa o alcançar de um percurso progressivo, onde a orientação e a experiência do professor se expressaram cada vez mais relevantes nos objetivos do projecto, preparando o aluno para a vida profissional que se avizinha.

6. BIBLIOGRAFIA

Almeida, J. (2009). *Estudo de soluções estruturais para reabilitação de edifícios em alvenaria de pedra*. Porto.

Appleton, J. (2003). *Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e Tecnologias da Intervenção*. Lisboa: Edições Orion.

Azevedo, H. D. S. (2010). *Reforço de estruturas de alvenaria de pedra, taipa e adobe com elementos de madeira maciça*. Tese de Mestrado, Universidade do Porto: Porto.

Beinhauer, P. (2012). *Atlas de Detalhes Construtivos*. 2ª Edição. Barcelona: Gustavo Gili.

Borges, N. R. (2012). *Narciso Ferreira: Um Contemporâneo do Seu Tempo*. Riba de Ave: Fundação Narciso Ferreira.

Caldeirão, T. (2013). *Arquitetura como Propaganda do Estado Novo*. Tese de Mestrado, Universidade da Beira Interior. Covilhã.

Campos, N. & Matos, P. (2012). *Guia de Arquitetura: Espaços e Edifícios Reabilitados*. Porto: Vida Económica Editorial.

Costa, F. (1955). *Enciclopédia prática da Construção Civil*. Lisboa: Autor.

Fernandes, J. M. (1993). *Arquitectura Modernista em Portugal (1890- 1940)*. 1ª Edição. Lisboa: Gradiva.

Fernandez, S. (1988). *Percurso: arquitectura portuguesa, 1930/1974*. 2ª Edição. Porto: FAUP.

Ferreira, N. (2009). *Técnicas de ligação pavimento/paredes em reabilitação de edifícios antigos*. Porto.

Gossel, P. (2001). *Arquitectura no Século XX*. (trad. Paula Reis, Ana Mendes, Astrid Boléo). Lisboa: Taschen.

Guimarães, F. (1984). *O progresso Industrial do Distrito de Braga*. Porto: Tip. Artur, Gomes & Santos, L.da.

Jencks, C. (1987). *Movimentos Modernos em Arquitectura*. Lisboa: Edições 70.

Lemme, A. V. de. (1997). *Art Déco – Guia Ilustrada del Estilo Decorativo*. (trad. Gloria Mora). Madrid: Editorial Ágata.

Lopes, M. (2013). *Técnicas de Reabilitação de Edifícios Antigos*. Tese de Mestrado, Porto.

Mendes, J. A. e Fernandes, I. (2002). *Património e Indústria no Vale do Ave*. Vila Nova de Famalicão: Adrave.

Moreira, M. (2009). *Reabilitação de estruturas de madeira em edifícios antigos*. Porto.

Neufert, E. (1991). *Arte de Projetar em Arquitetura: princípios, normas e prescrições sobre construção, instalações, distribuição e programa de necessidades, dimensões de edifícios, locais e utensílios*. São Paulo: Gustavo Gili.

Pereira, A. C. (2002). *História da indústria do vale do Ave (1890/2001)*. Santo Tirso: Gráfica Covense.

Pereira, J. V. B. (2012). *Ao Cair do Pano: sobre a formação do quotidiano num contexto (des)industrializado do Vale do Ave*. Porto: Afrontamento.

Pevsner, N. (2001). *Origens da Arquitetura Moderna e do Design*. (trad. Luiz Raul Machado). São Paulo: Martins Fontes.

Rato, V. M. (2002). *Conservação do património histórico edificado – Princípios de intervenção*. Tese de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa: Lisboa.

Rodrigues, J. M.V. (2010). *Principais técnicas de consolidação e reforço de paredes de edifícios antigos*. Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa: Lisboa.

Roque, J. C. A. (2002). *Reabilitação estrutural de paredes antigas de alvenaria*. Tese de Mestrado, Escola de Engenharia da Universidade do Minho: Braga.

Rossa, W. (2015). *Patrimónios de Influência Portuguesa: Modos de Olhar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Silva, J. H. P. Da (1984). *Pretérito Presente: Para uma teoria da preservação do património histórico-artístico*. Covilhã : Centro Cultural da Beira Interior.

Testa, P. (1988). *A Arquitectura de Álvaro Siza Vieira*. Porto: FAUP.

Zevi, B. (1978). *História da Arquitectura Moderna*. Volume 2. Lisboa: Arcádia.

Zevi, B. (1979). *Architettura in Nuce: Uma Definição de Architettura*. Lisboa: Edições 70.

Zumthor, P. (2005). *Pensar a Arquitectura*. (trad. Astrid Grabow). Barcelona: Gustavo Gili.

Sites consultados:

<http://www.jf-ribadeave.pt> – Site oficial da Junta de Freguesia de Riba de Ave

<http://www.fnarcisoferreira.org> – Site oficial da Fundação Narciso Ferreira

<http://www.vilanovadefamalicao.org> – Portal do Município de Vila Nova de Famalicão

<http://www.rotanoave.com> – Site oficial da Rota do Património Industrial do Vale do Ave

<http://www.adrave.pt> – Site oficial da Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave

<http://www.museudaindustriatextil.org> – Site oficial do Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave

<http://www.jornaldoave.pt> – Site oficial do Jornal do Ave

http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SitePageContents.aspx?id=08a335ea-db85-4 added=862b-fe6e623e44a8 – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

<https://www.serralves.pt/pt/fundacao/a-casa-de-serralves/historia/> – Site oficial de Serralves

<https://www.igeoe.pt> – Site oficial do Centro de Informação Geoespacial do Exército

<http://repositorium.sdum.uminho.pt> – Site oficial do repositório institucional da Universidade do Minho

<http://etcetaljornal.pt/j/> – Site oficial do Jornal Etc e Tal

http://www.panoramio.com/user/1410311?with_photo_id=75628570 – Site do Panoramio

<http://www.oportoencanta.com> – Site oficial o Porto encanta

<http://www.archdaily.com> – Site de arquitetura

<http://afasiaarchzine.com> – Site de arquitetura

<https://www.architonic.com> – Site de arquitetura

<http://www.lifeofanarchitect.com> – Site de arquitetura

<http://www.beta-architecture.com> – Site de arquitetura

<http://menosemais.com> – Site oficial do estúdio de arquitetura menos é mais arquitetos

<http://www.byrnearqu.com> – Site oficial do estúdio de arquitetura Gonçalo Byrne Arquitetos

<http://www.airesmateus.com> – Site oficial do estúdio de arquitetura Aires Mateus Arquitetos

<http://www.tadao-ando.com> – Site oficial do estúdio de arquitetura Tadao Ando Architect & Associates

<https://pt.pinterest.com> – Site de arquitetura e design

<http://www.contemporist.com> – Site de arquitetura, arte, design e viagem

<http://www.velux.pt> – Site oficial da Velux

<http://www.schindler.com> – Site oficial da Schindler

7. ANEXOS

7.1. Fotografias do Levantamento













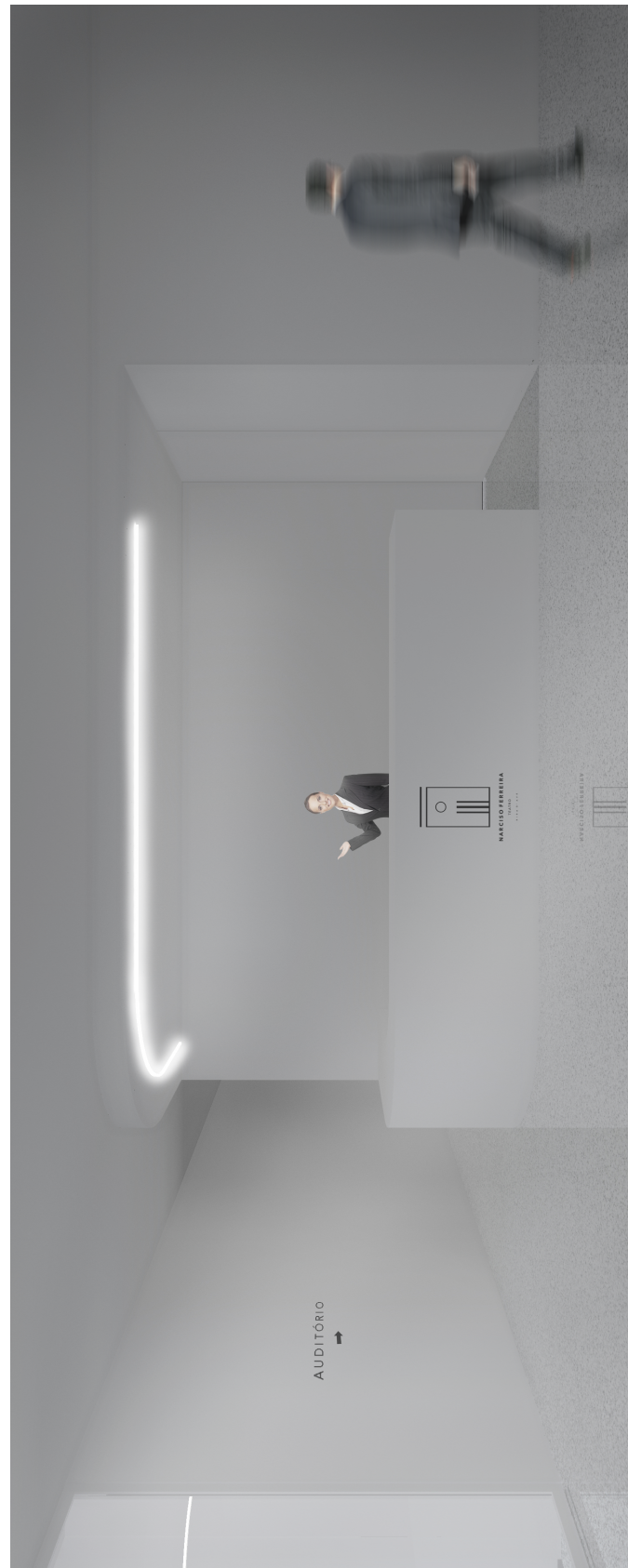




7.2. Imagens Renderizadas da Proposta





















7.3. Maquete

